

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (IM) CARLOS LUCIANI LIMA LEANDRO

**A COMPETIÇÃO EUA X CHINA E SEUS REFLEXOS NA  
GOVERNANÇA GLOBAL:**

**Uma análise, a partir de 2018, do QUAD como nova aliança  
estratégica e da OMC em crise**

Rio de Janeiro

2025

CC (IM) CARLOS LUCIANI LIMA LEANDRO

**A COMPETIÇÃO EUA X CHINA E SEUS REFLEXOS NA  
GOVERNANÇA GLOBAL:  
Uma análise, a partir de 2018, do QUAD como nova aliança  
estratégica e da OMC em crise**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) TITO

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2025

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus, pela dádiva da vida, da saúde e da paz que me sustentaram ao longo desta jornada. Aos meus pais, Zilzo e Margarida, pelo amor, cuidado e ensinamentos que fundamentaram toda a minha formação. À minha esposa Karla e ao meu filho Heitor, pela compreensão dos momentos ausentes e por todo amor, dedicação e carinho que me fortaleceram nos momentos mais desafiadores. Sem o apoio inabalável de vocês esta conquista não teria sido possível.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao meu orientador CMG (RM1) Alexandre Tito dos Santos Xavier pela disponibilidade, paciência e ensinamentos. Suas intervenções e orientações, sempre tempestivas e compreensíveis, foram essenciais para o desenvolvimento e a conclusão deste estudo.

Expresso minha gratidão ainda aos companheiros da turma do C-EMOS 2025, em especial aos integrantes oriundos da turma do CFO 2008 “Almirante Sylvio de Camargo”, por todos os momentos compartilhados e todas discussões engrandecedoras, e ao corpo docente e administrativo da Escola de Guerra Naval pelo suporte oferecido durante todo o curso.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a confecção deste trabalho.

“Mantemos a paz por meio da nossa  
força; a fraqueza apenas convida à  
agressão”.

(Ronald Reagan)

## RESUMO

A geopolítica como resultado da correlação entre fatores políticos, históricos e geográficos molda o sistema internacional na medida em que os países buscam pautar suas interações de acordo com a conjuntura contemporânea, mas realizando projeções para o futuro sem esquecer os eventos do passado. Assim sendo, os países recorrem a pressupostos da teoria das relações internacionais para condução de sua política externa. A crescente rivalidade entre Estados Unidos da América (EUA) e a República Popular da China (RPC) vem reconfigurando o sistema mundial e impactando na fragmentação da ordem global. Órgãos multilaterais estão perdendo força ao passo que alianças informais ganham protagonismo. Nesse contexto, o presente estudo busca entender como o *Quadrilateral Security Dialogue* (QUAD), na condição de representante desse novo tipo de arranjo, impacta na atuação da Organização Mundial do Comércio (OMC), um órgão tradicional, bem como compreender até que ponto essa competição sino-estadunidense influencia esse processo. Para a concepção dessa dinâmica é necessário entender qual das teorias de relações internacionais mais embasa a política externa dos EUA e da China, uma vez que a depender do conceito selecionado há uma aderência maior ou menor ao multilateralismo. O QUAD, aliança estratégica formada por EUA, Índia, Japão e Austrália, desempenha papel fundamental na contenção do expansionismo chinês. Em contrapartida, Pequim com a sua “Iniciativa do Cinturão e Rota” busca ampliar sua influência global e continuar a sua ameaça à hegemonia estadunidense. Ainda nesse cenário, a OMC perde força em virtude de EUA e China travarem uma disputa comercial amparada unicamente nos seus respectivos interesses, em detrimento de soluções multilaterais.

**Palavras-chave:** Geopolítica. Relações Internacionais. Estados Unidos da América. República Popular da China. Quadrilateral Security Dialogue. Organização Mundial do Comércio. Multilateralismo. Iniciativa do Cinturão e Rota.

## **ABSTRACT**

### **The U.S.-China competition and its impacts on global governance: An analysis, since 2018, of the QUAD as a new strategic alliance and the WTO in crisis**

Geopolitics as a result of the interrelation between political, historical, and geographical factors shapes the international system insofar as countries seek to guide their interactions according to the contemporary context, while making projections for the future without forgetting past events. Accordingly, countries draw on the assumptions of international relations theory to conduct their foreign policy. The growing rivalry between the United States of America (USA) and the People's Republic of China (PRC) has been reshaping the global system and contributing to the fragmentation of the global order. Multilateral institutions are losing strength, while informal alliances are gaining prominence. In this context, the present study seeks to understand how the Quadrilateral Security Dialogue (QUAD), as a representative of this new type of arrangement, affects the functioning of the World Trade Organization (WTO), a traditional institution, as well as to assess the extent to which the U.S.-China competition influences this process. To grasp this dynamic, it is necessary to understand which international relations theories most underpin the foreign policies of the USA and China, since the chosen theoretical approach determines the degree of adherence to multilateralism. The QUAD, a strategic alliance formed by the USA, India, Japan, and Australia, plays a fundamental role in containing Chinese expansionism. In contrast, Beijing, through its "Belt and Road Initiative," seeks to expand its global influence and continue challenging U.S. hegemony. Within this same scenario, the WTO is losing relevance as the USA and China engage in a trade dispute guided solely by their own interests, to the detriment of multilateral solutions.

**Keywords:** Geopolitics. International Relations. United States of America. People's Republic of China. Quadrilateral Security Dialogue. World Trade Organization. Multilateralism. Belt and Road Initiative.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| GRÁFICO 1 - Comparação da evolução do PIB dos EUA e da China entre os anos de 2018 e 2024..... | 40 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## LISTA DE TABELAS

|                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------|----|
| TABELA 1 - Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2024 em US\$.....    | 39 |
| TABELA 2 - Volume de Exportações em US\$ no ano de 2024 US\$.....     | 41 |
| TABELA 3 - Volume de Importações em US\$ no ano de 2024 US\$.....     | 41 |
| TABELA 4 - Gastos em Defesa em US\$ no ano de 2023 US\$.....          | 43 |
| TABELA 5 - Efetivo das Forças Armadas no ano de 2020.....             | 44 |
| TABELA 6 - Volume de Exportações de Armas em US\$ no ano de 2024..... | 44 |
| TABELA 7 - Índice de potência de poder de combate.....                | 45 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|          |   |                                                      |
|----------|---|------------------------------------------------------|
| ARP      | – | American Rescue Plan                                 |
| ASEAN    | – | Association of Southeast Asian Nations               |
| BCIMEC   | – | Bangladesh-China-India-Myanmar Economic Corridor     |
| BRI      | – | Belt and Road Initiative                             |
| BRICS    | – | Brazil, Russia, China and South Africa               |
| CICPEC   | – | China-Indochina Peninsula Economic Corridor          |
| COVID-19 | – | Corona Virus Disease 2019                            |
| CPEC     | – | China-Pakistan Economic Corridor                     |
| CS       | – | Conselho de Segurança                                |
| EUA      | – | Estados Unidos da América                            |
| IPMDA    | – | Indo-Pacific Maritime Domain Awareness               |
| MPIA     | – | Multi-Party Interim Appeal Arbitration Arrangement   |
| OMC      | – | Organização Mundial do Comércio                      |
| OMS      | – | Organização Mundial da Saúde                         |
| ONU      | – | Organização das Nações Unidas                        |
| OTAN     | – | Organização do Tratado do Atlântico Norte            |
| PCC      | – | Partido Comunista Chinês                             |
| PGII     | – | Partnership for Global Infrastructure and Investment |
| PIB      | – | Produto Interno Bruto                                |
| QUAD     | – | Quadrilateral Security Dialogue                      |
| QUIN     | – | Quad Investors Network                               |
| RCEP     | – | Regional Comprehensive Economic Partnership          |
| RPC      | – | República Popular da China                           |
| URSS     | – | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas          |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                           |           |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                    | <b>13</b> |
| <b>2</b> | <b>A TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS APLICADA À DISPUTA SINO-ESTADUNIDENSE.....</b>                    | <b>16</b> |
| 2.1      | O CONCEITO DOS EUA.....                                                                                   | 18        |
| 2.2      | A CONCEPÇÃO CHINESA.....                                                                                  | 23        |
| <b>3</b> | <b>A ALIANÇA ESTRATÉGICA DO QUAD E SUA INFLUÊNCIA NA ATUAÇÃO DA OMC NA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA.....</b> | <b>27</b> |
| 3.1      | A PERCEPÇÃO DO DIÁLOGO DE SEGURANÇA QUADRILATERAL (QUAD) COMO UM PACTO ESTRATÉGICO.....                   | 27        |
| 3.1.1    | As razões e aspirações japonesas, indianas e australianas .....                                           | 30        |
| 3.1.2    | A relevância das ações e perspectivas para o QUAD.....                                                    | 32        |
| 3.2      | O ENFRAQUECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO.....                                                 | 34        |
| <b>4</b> | <b>A INTERFERÊNCIA DA CONCORRÊNCIA EUA-CHINA NO QUAD E NA OMC .....</b>                                   | <b>38</b> |
| 4.1      | UM EXAME DO STATUS DOS EUA E DA CHINA DENTRO DA CONJUNTURA GLOBAL.....                                    | 38        |
| 4.1.1    | A vertente econômica.....                                                                                 | 38        |
| 4.1.2    | O aspecto militar.....                                                                                    | 42        |
| 4.2      | O REFLEXO DA CONCORRÊNCIA ENTRE OS EUA E A CHINA NO QUAD E NA OMC.....                                    | 45        |
| 4.2.1    | O impacto estadunidense.....                                                                              | 46        |
| 4.2.2    | A incidência chinesa.....                                                                                 | 48        |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                                     | <b>51</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                   | <b>53</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A Geopolítica<sup>1</sup> contemporânea apresenta diversas interações que são pautadas em interesses particulares de cada país, mas que, paradoxalmente, contribuem para a formação de alianças de modo a promover o alcance dos objetivos individuais de cada nação. Obviamente as relações hoje estabelecidas não nasceram repentinamente, daí a importância do fator histórico para o entendimento do que ocorre na atualidade. Não obstante, a geografia com a demarcação das fronteiras e das riquezas de cada região também possui um peso considerável no estabelecimento da configuração da Governança Global<sup>2</sup>. As duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) redesenharam o mapa do planeta e estabeleceram uma nova ordem, criando novas potências e destruindo aspirações expansionistas e antigos impérios, incluindo nesse contexto também o processo de descolonização, especialmente no continente africano a partir do fim da segunda guerra.

O término do segundo conflito mundial, na segunda metade da década de 1940, também culminou com a criação do maior e mais atuante órgão multilateral, a Organização das Nações Unidas (ONU), que possui agências especializadas como a Organização Mundial de Saúde (OMS). Dentro da estrutura da ONU, os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança (CS)<sup>3</sup> são os vencedores e ofendidos do confronto e essa formação permanece até hoje intacta, em que pese as alterações ocorridas no posicionamento dos países na ordem mundial. Nessa mesma época, também se começou a observar uma bipolaridade no mundo, materializada pela Guerra Fria (1947-1991)<sup>4</sup>.

A tensão entre os Estados Unidos da América (EUA) e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que perdurou por quase longos 45 anos, contemplou diversos outros confrontos que possuíam em comum uma

---

<sup>1</sup> Ciência oriunda das relações entre a geografia, a história e a política, realizando projeções de eventos na conjuntura global (Mattos, 2002).

<sup>2</sup> Consiste na quantidade de núcleos de poder que determina a polaridade dentro do sistema internacional. É também denominada Ordem Global (Castro, 2012).

<sup>3</sup> Formado por 15 membros, dentre os quais cinco permanentes: EUA, China, Reino Unido, França e Rússia (ONU, 1945).

<sup>4</sup> De acordo Blainey (2010) foi um conflito marcado pela bipolaridade entre os Estados Unidos da América (EUA) e a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS). Teve início após a Segunda Guerra Mundial e terminou com a dissolução da antiga URSS, caracterizando-se pelo choque de ideologias, mas sem que as duas potências materializassem as hostilidades diretamente uma contra a outra.

mesma motivação: o choque de ideologias entre o capitalismo e o socialismo, que, no contexto geográfico, era representado pelas disputas entre o Ocidente e Oriente e entre o Sul e o Norte.

Após o desfecho da Guerra Fria no início da década de 1990, sucederam-se diversos acontecimentos, dentre os quais podemos citar: a dissolução da URSS; os atentados de 2001 contra os EUA, que desencadearam o combate ao terrorismo, inicialmente no Afeganistão e posteriormente culminando com segunda guerra do Golfo no Iraque em 2003; o fortalecimento militar e econômico da China, talvez impulsionado pelo foco estadunidense em combater as investidas terroristas, e o renascimento da própria Rússia na política internacional, a partir da ascensão ao poder de Vladimir Putin no início deste século. Em quase 35 anos pós-Guerra Fria ocorreram e estão acontecendo diversos fatos que balizam a Geopolítica contemporânea.

Nesse contexto, destaca-se a atual disputa entre os EUA, que mantém sua posição de liderança global desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e a emergente China, que vem crescendo de forma exponencial nos últimos anos, sendo hoje uma ameaça real à hegemonia americana. Essa competição tem se intensificado na última década, impactando diretamente na governança global. A concorrência, principalmente comercial, vem afetando a atuação dos Órgãos Multilaterais<sup>5</sup> e fomentando a criação de novas alianças estratégicas, como o Diálogo de Segurança Quadrilateral (QUAD)<sup>6</sup>, o BRICS+<sup>7</sup> e o RCEP<sup>8</sup>.

É perceptível que a crescente polarização entre EUA e China molda a nova configuração do sistema internacional, desafiando o equilíbrio entre instituições internacionais tradicionais e as novas alianças. A relevância do presente estudo está amparada na necessidade de compreender qual o futuro dos Órgãos tradicionais e a atuação desses novos arranjos, bem como entender até que ponto a nova polarização influencia esse processo.

---

<sup>5</sup> Também denominado de Órgãos Internacionais ou Órgãos Intergovernamentais, conforme Mingst (2014), são instituições onde os Estados atuam de forma conjunta e colaboram na solução de problemas comuns, garantindo confiabilidade nos compromissos assumidos por cada Estado de modo que sejam cumpridos os pactos estabelecidos entre eles.

<sup>6</sup> Aliança entre Estados Unidos, Índia, Japão e Austrália.

<sup>7</sup> União composta atualmente por 11 membros: África do Sul, Arábia Saudita, Brasil, China, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia, Índia, Irã e Rússia.

<sup>8</sup> *Regional Comprehensive Economic Partnership*: Tratado de livre comércio entre países asiáticos liderados pela China.

Para a compreensão das relações que decorrem do confronto em tela faz-se necessário, além de observar as teorias de relações internacionais que embasam as políticas dos países envolvidos, entender qual o papel do QUAD e da OMC na conjuntura dessa competição, bem como investigar como a questão EUA-China influi no QUAD e na OMC dentro do Sistema Internacional, e projetar quais as eventuais perspectivas.

Nesse sentido, é importante verificar como essa dinâmica na reconfiguração da ordem mundial é impactada pela concorrência entre os EUA e a China. Dessa forma, esta pesquisa tentará responder a seguinte questão: em que medida a disputa entre EUA e China vem contribuindo para a fragmentação da ordem global, especialmente nos aspectos econômico e militar, fortalecendo alianças regionais como QUAD em detrimento das instituições multilaterais como a Organização Mundial do Comércio (OMC)?

Para a confecção do presente trabalho foi adotada a pesquisa bibliográfico-documental com a busca de informações em livros, artigos, teses e dissertações sobre o assunto, bem como em banco de dados disponíveis em sites com a extração de dados que foram tratados para contribuir para os objetivos da pesquisa.

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos com o intuito de proporcionar um melhor entendimento, sendo o primeiro esta Introdução.

No segundo capítulo serão abordadas as teorias de relações internacionais que embasam as dinâmicas da disputa sino-estadunidense, para tanto nos basearemos principalmente na obra de Mingst (2014).

O papel do QUAD e da OMC na geopolítica contemporânea será contemplado no capítulo 3, em que utilizaremos como base artigos acadêmicos, sites governamentais, institucionais e de notícias.

O capítulo 4 examinará como a questão EUA-China influi no QUAD e na OMC dentro do Sistema Internacional, para tanto nos basearemos nas mesmas fontes de pesquisa do capítulo 3.

Por fim, no último capítulo, à luz do estudo e das análises desenvolvidas ao longo trabalho, buscaremos responder à questão de pesquisa.

## **2 A TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS APLICADA À DISPUTA SINO-ESTADUNIDENSE**

A compreensão sobre a competição sino-estadunidense pela hegemonia mundial passa por um entendimento sobre como se dão as suas condutas como Estado, especialmente no que tange à forma de agir para alcançar os seus interesses estratégicos e nos princípios que norteiam as suas relações na ordem global. Nesse contexto, torna-se primordial observarmos qual a contribuição da Teoria das Relações Internacionais para a análise da concorrência em tela, abordando as perspectivas analíticas consolidadas nessa Teoria e que ajudam a entender como são utilizados os mecanismos de poder pela China e pelos Estados Unidos da América.

Para realizarmos uma reflexão sobre os relacionamentos entre Estados é primordial observarmos os comportamentos particular e comunitário dos indivíduos dentro de uma sociedade. Dessa forma, as interações entre os países não são estáticas e seus posicionamentos são mutáveis. Outro ponto a ser destacado é que, diante dessa volatilidade, a dicotomia entre o que é válido e inválido não pode ser aplicada ao postulado em tela. Na verdade, há que se focar na análise interna da própria teoria das relações internacionais combinada com o conhecimento de outras áreas de estudo para embasar o entendimento da coexistência dos indivíduos no mundo e como ela impacta nas conexões existentes na ordem internacional (Castro, 2012).

Os teóricos das relações internacionais utilizaram-se da história, da filosofia e do behaviorismo para desenvolverem seus pressupostos. A compreensão dos acontecimentos passados ajudou a estabelecer as conexões entre eles e a elaborar planos de atuação com base nessas relações. Contudo, é importante ressaltar que a história pode levar à implementação de ações errôneas, quando os fatos não são perfeitamente analisados e entendidos. A Guerra do Vietnã, por exemplo, trouxe sérios problemas para os Estados Unidos da América em virtude de não terem percebido em qual contexto estava inserido o país asiático na região da Indochina. A filosofia, por sua vez, contribui substancialmente com a sua análise da correlação entre o Estado e a natureza, bastante utilizada por Thomas Hobbes (1588-1679) em “O Leviatã” (1651). De acordo com a sua teoria, a falta de uma autoridade suprema



no sistema internacional, deixava a sociedade em um estado de natureza ou de anarquia, sendo necessário o poder unitário de um Estado, um Leviatã, para corrigir essa distorção. Por fim, o behaviorismo é baseado na observação de padrões de conduta dos indivíduos, que podem agir de forma isolada ou em grupo, realizando projeções ou apenas tentando explicá-los por meio de testes sistemáticos desses comportamentos (Mingst, 2014).

Retornando para o exame intrínseco da teoria das relações internacionais, existem três níveis de análise que são abordados de modo a contribuir para uma consistência na avaliação da condução das políticas externas de um país: o indivíduo, o Estado e o Sistema Internacional. Esta segmentação, proposta inicialmente por Kenneth Waltz (1924-2013)<sup>9</sup> objetivava aprimorar os raciocínios por meio do estudo específico de cada nível. Considerando “o indivíduo”, o enfoque é nas características e atributos do líder e dos demais indivíduos com poder de decisão. Na esfera do Estado são avaliados os aspectos políticos e econômicos, bem como os interesses nacionais. A configuração da distribuição do poder e atuação dos órgãos multilaterais são o foco do nível “Sistema Internacional” (Mingst, 2014).

Concluída a análise dos atributos que dão sustentação às Teorias das Relações Internacionais, passamos agora a discorrer sobre cada uma delas de forma sucinta. Em seu livro “Princípios de Relações Internacionais”, Mingst (2014), apresenta os pensamentos teóricos: o realismo/neorrealismo ou realismo estrutural, o liberalismo/institucionalismo neoliberal, o radicalismo e o construtivismo.

O realismo se baseia na concepção de um sistema internacional anárquico, prevalecendo o interesse particular de cada Estado, que é governado por indivíduos egoístas e ansiosos por poder. O principal ator para os realistas é o Estado e a possibilidade de estagnação dos conflitos entre os países é nula (Mingst, 2014).

O liberalismo é pautado na ideia de que o indivíduo possui uma natureza boa e que age em colaboração com outros indivíduos, tendo sido essa cooperação o fator que impulsionou a formação dos Estados. No que tange ao sistema internacional a anarquia é limitada pela solidariedade e reciprocidade entre os

---

<sup>9</sup> Kenneth Waltz foi um dos maiores colaboradores do estudo da Teoria das Relações Internacionais. A teoria dos três níveis de análise foi exposta em seu livro “Man, the State, and War” de 1959. É fundador do neorrealismo ou realismo estrutural (Mingst, 2014).

Estados que se encontram dispostos em uma ordem internacional. Para os liberais os principais atores são os Órgãos Internacionais e há uma crença de que a paz pode ser permanente em razão da atuação dessas instituições que realizam ponderações nos interesses singulares dos Estados (Mingst, 2014).

A perspectiva radical, conforme Mingst (2014), defende que o viés econômico é o único fator que condiciona todas as relações entre os países. Dessa forma, o indivíduo age de acordo com os interesses da classe econômica a qual pertence. O Estado é um mero instrumento do capitalismo, privilegiando a burguesia, e o sistema internacional é profundamente fragmentado, uma vez que o mundo é dominado por esse capitalismo. Os principais atores são as classes sociais, as elites e as empresas detentoras do capital. Os radicais advogam que uma mudança drástica é imprescindível.

A última teoria, a construtivista, é fundamentada na abstração das relações internacionais, que sofrem constantes mutações. Os atores principais são as pessoas com a sua cultura e capacidade de influenciar. Tanto o Estado como o sistema internacional são construídos por meio do discurso, que é o principal instrumento para promover mudanças (Mingst, 2014).

Com base nas teorias apresentadas procuraremos identificar quais apoiam as condutas dos Estados Unidos da América e da China. É importante ressaltar que se trata de uma estipulação orientada por notícias e dados coletados, sem nenhuma pretensão de definir categoricamente qual escola representa o país, até mesmo porque, de acordo Mingst (2014), os próprios analistas internacionais utilizam as quatro teorias para respaldar suas perspectivas.

## 2.1 O CONCEITO DOS EUA

Para entendermos como se dão as dinâmicas das interações dos Estados Unidos da América em suas relações internacionais faz-se necessário assimilarmos as principais diferenças entre os dois partidos que compõem a base da política americana: o Democrata e o Republicano. Essa distinção torna-se primordial por dois motivos: as visões de mundo distintas e a permanente alternância entre os dois na detenção do poder. Desconsiderando as reeleições, a última vez que um partido

duplicou o mandato foi em 1989, na transição entre os republicanos Ronald Reagan e George H. W. Bush<sup>10</sup>.

Vidal (2021) em seu artigo intitulado “Polarização política e partidária nos Estados Unidos (1936-2016)”, publicado na Revista “Opinião Pública” da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), realizou um estudo comparativo entre as duas plataformas partidárias com o intuito de apresentar seus respectivos posicionamentos em relação à economia, questões sociais e política externa. Este exame procurava promover uma análise mais objetiva de modo a tentar reduzir a complexidade que envolve a polarização entre os dois partidos.

Tendo por base as conclusões apresentadas no supracitado artigo podemos constatar que os princípios dos democratas são apoiados em uma maior intervenção na economia, incluindo uma maior taxação para as classes com rendas mais elevadas, e na ampliação de programas sociais. No âmbito externo são adeptos da diplomacia por meio da atuação através de Órgãos Internacionais e possuem uma maior tolerância com imigrantes, além de apreciarem políticas sociais mais inclusivas. Dessa forma, é plausível acreditar que se aproximam mais do pensamento liberal.

Ainda com base nos apontamentos de Vidal (2021), é possível concluirmos que a plataforma republicana engloba uma economia de livre mercado com menos regulação, com redução de impostos, inclusive para ricos e grandes empresas. Em sua política externa adotam uma postura individualista, restringindo a participação em órgãos multilaterais, bastante observada atualmente nesse início do segundo mandato de Donald Trump (1946-) com o conceito “*America First*”. Os republicanos defendem a restrição das imigrações, com o fortalecimento das fronteiras e deportações. São tradicionalmente mais conservadores em questões religiosas e de inclusão social. Nesse contexto, podemos concluir que o Partido republicano possui uma orientação mais voltada para a teoria realista.

Nesse encadeamento, norteados pelo espaço temporal do presente estudo, passamos agora a estabelecer as diferenças entre os governos de Donald Trump e Joe Biden (1942-)<sup>11</sup>. As distintas abordagens e convicções, que se acentuaram nos últimos anos, tem produzido uma bipolaridade extrema entre os eleitores

---

<sup>10</sup> Ronald Reagan governou entre janeiro de 1981 e janeiro de 1989, quando assumiu George H.W. Bush, que concluiu seu mandato em janeiro de 1993.

<sup>11</sup> O primeiro mandato de Donald Trump foi de janeiro de 2017 a janeiro de 2021, sendo sucedido por Joe Biden, que governou até janeiro de 2025, quando Trump retornou à presidência.

estadunidenses. Vidal (2021) revela que essa oposição se tornou mais clara a partir dos anos 2000, de modo que ambos os partidos passaram a ser retratos reais de seus respectivos valores e princípios. Embora esse fenômeno não seja único na história do país, houve períodos de uma relativa proximidade entre democratas e republicanos, sem um contraste exacerbado.

O democrata Joe Biden, como veremos a seguir, teve um governo marcado pela expansão de políticas sociais e migratórias e pela busca no fortalecimento de Organizações Internacionais, havendo, porém, uma ressalva no que tange à Organização Mundial do Comércio.

Conforme notícia publicada no sítio eletrônico do Departamento do Tesouro dos EUA (2022), em março de 2021 foi lançado o *American Rescue Plan* (ARP) que contemplou subsídios diretos para a população afetada pelos efeitos da pandemia do COVID-19 e a ampliação do seguro-desemprego. De acordo com a notícia o programa alcançou excelentes resultados no seu primeiro ano, garantindo, além de vacinas e testes contra a doença, a manutenção da economia aquecida.

Com relação à política migratória, Biden foi mais flexível no início do seu governo. Em 2022 concedeu entrada temporária a mais de meio milhão de imigrantes oriundos de países como Cuba, Nicarágua, Venezuela e Haiti. Esta medida, inclusive, é objeto de contestação do atual governo de Trump, que concedeu prazo para que essas pessoas deixassem o país espontaneamente sob pena de serem detidas (HuffPost, 2025).

De acordo com Williams (2024), outra ação do governo Biden nesse sentido ocorreu por meio de uma concessão a cônjuges e filhos sem cidadania americana, mas que possuíam vínculo com um norte-americano, para solicitar residência permanente legal sem sair dos EUA, contemplando novamente meio milhão de pessoas. Cabe ressaltar, porém, que esta medida tinha cunho eleitoral.

No âmbito externo, consoante texto publicado pela Casa Branca, Biden procurou, primordialmente, fortalecer a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), motivado pela invasão russa à Ucrânia e pelo desejo de reforçar a confiança dos aliados europeus na liderança e no apoio à segurança coletiva. No

seu mandato houve ainda a expansão da OTAN com as adesões da Suécia e da Finlândia, ampliando a sua presença no norte da Europa<sup>12</sup>.

No que tange às relações globais comerciais, porém, a disputa sino-estadunidense “falou mais alto” do que a postura multilateral do governo Biden, com a implementação de tarifas significativas sobre produtos chineses como parte de sua política comercial. Os EUA, mesmo diante do compromisso com seu programa ambiental, não concederam créditos fiscais aos compradores de veículos elétricos que eram equipados com baterias fabricadas com itens oriundos da China, da Rússia, do Irã ou da Coreia do Norte. Em resposta, a China representou contra os EUA na Organização Mundial do Comércio (OMC), alegando discriminação contra os seus produtos, além de provocar um impacto negativo na cadeia global de suprimentos como um todo (AP News, 2024).

Finalizando a era democrata, embora Biden tenha demonstrado um aparente comprometimento com o sistema multilateral, vimos que suas ações no que concerne à adequação às regras balizadoras do comércio global demonstraram uma abordagem individualista e unilateral, gerando críticas e preocupações sobre o futuro da governança comercial global. Nesse escopo, podemos observar uma postura realista, em que pese uma análise mais holística do seu governo apontar para o liberalismo.

No que diz respeito à Donald Trump, podemos inferir, pautado nos acontecimentos que serão apresentados, que o atual presidente estadunidense, é um legítimo<sup>13</sup> representante do partido republicano, com aspirações de expandir sua influência na esfera global e, conseqüentemente, conter o crescimento chinês, não havendo neste momento nenhuma perspectiva de que o ideário realista seja enfraquecido. Pelo contrário, podemos acreditar que ele nunca foi tão bem aplicado. Essa maximização realista é observada de forma plena em seu segundo mandato.

Em seu primeiro mandato Trump já mostrava sua propensão para um realismo puro. No aspecto econômico realizou em dezembro de 2017 a maior reforma tributária desde 1986, modificando substancialmente o código dos EUA. A Lei de Cortes de Impostos e Empregos (*Tax Cuts and Jobs Act*), diminuiu a alíquota

---

<sup>12</sup> THE WHITE HOUSE. The 2024 NATO Summit in Washington. 10 jul. 2024. Disponível em [https://bidenwhitehouse.archives.gov/briefing-room/statements-releases/2024/07/10/fact-sheet-the-2024-nato-summit-in-washington/?utm\\_source](https://bidenwhitehouse.archives.gov/briefing-room/statements-releases/2024/07/10/fact-sheet-the-2024-nato-summit-in-washington/?utm_source). Acesso em 20 abr. 2025.

<sup>13</sup> O termo legítimo foi empregado na conotação de genuíno ou fidedigno, tendo em vista uma aderência mais estreita com a ideologia republicana.

do imposto corporativo de 35% para 21% (Gale *et al.*, 2018). Podemos observar nesse projeto uma medida bem alinhada com a proposta republicana de menos regulação e de mais incentivos para a classe empresarial.

No que tange a política migratória, ficou marcado pela "tolerância zero", promovendo já no seu segundo ano de mandato (2018) a separação de crianças de seus pais na fronteira com o México, provocando enorme rejeição nacional e internacional (Tracy, 2018).

Em seu retorno à presidência, ainda recém empossado em janeiro de 2025, sua política externa já contemplou a saída americana de acordos internacionais, como o de Paris sobre mudanças climáticas, alegando que esse pacto seria prejudicial aos interesses americanos (Waldholz e Perez, 2025).

Assim, podemos verificar que estamos vivenciando um momento em que é possível atestar que o realismo tem sido mais acentuado neste segundo mandato de Trump. Talvez motivado pela não reeleição em 2021 e pelo retrocesso que julga ter ocorrido no governo de Biden. A retirada dos acordos de Paris, materializa o comportamento mais egocêntrico característico dos republicanos e dos realistas.

O governo Trump vem buscando pôr um fim na guerra entre russos e ucranianos. Contudo, vem encontrando dificuldades em atingir esse objetivo (Madhani e Petrequin, 2025). Tendo em vista que os realistas são céticos no que tange a possibilidade de extinguir conflitos, ainda que admitam que eles são cíclicos e que continuarão ocorrendo, o que estaria motivando esse desejo de paz? Seria uma proximidade ideológica de Trump com Putin que rende uma admiração mútua e uma relação mais colaborativa entre os EUA e a Rússia?

Ainda de acordo com Madhani e Petrequin (2025), em artigo publicado no periódico AP News, em abril de 2025, Trump demonstrou profunda insatisfação com Putin devido à não cessação de bombardeios contra os ucranianos, mesmo diante das tratativas de negociações de paz. Embora haja divergências entre os lados do conflito, principalmente no que tange a não devolução de territórios já conquistados pelos russos na Ucrânia, que é defendido por Trump e reprimido pela Europa, permanecem as conversas para um acordo de paz.

Essa persistência estadunidense pelo fim do conflito, todavia, não encontra sustentação apenas na aparente sinergia entre Trump e Putin. Segundo Kottasová e Radford (2025), agora já bem mais próximo do ideário realista, está o desejo dos

americanos de explorar terras raras<sup>14</sup> ucranianas. Muito em razão da supremacia chinesa na utilização desses recursos. Embora não seja um país com grande quantidade desses elementos especiais, a Ucrânia possui grandes quantidades de outros minerais críticos que são fundamentais para apoiar o crescimento econômico dos EUA. Cabe ressaltar ainda que algumas dessas reservas estão sob ocupação russa. Há também a necessidade de reduzir a dependência da China para obtenção desses insumos.

Por todos os aspectos explanados, verificamos que se torna latente que os EUA têm apresentado uma vocação muito mais correlacionada com a visão realista, ainda que o período em destaque contenha um governo democrata, que é tradicionalmente mais voltado para a ideologia liberal. Dessa forma, podemos concluir que a preponderância do interesse do Estado estadunidense, em detrimento do alinhamento com órgãos multilaterais, pauta atualmente as relações do país no sistema internacional.

## 2.2 A CONCEPÇÃO CHINESA

O regime comunista se consolidou na China na década de 1950 após o Exército Vermelho de Mao Tsé-Tung ou Mao Zedong (1893-1976) conseguir derrotar os *Kuomintang* (nacionalistas chineses não comunistas) em 1949 que, mesmo apoiados militarmente pelos EUA, não conseguem conter a expansão do comunismo no país. Nesse contexto, após o término dessa guerra civil, Mao Zedong declara o advento da República Popular da China (RPC) e os líderes do movimento opositor ao comunismo fogem para a ilha de Formosa, atualmente conhecida como Taiwan, que é objeto de aspiração chinesa (Mingst, 2014).

A década de 1970 marca o fim da “Era Mao” e mostra um crescimento das relações diplomáticas da República Popular da China, que é confirmado e materializado pela sua entrada em 1971 como membro permanente no Conselho de Segurança da ONU em substituição a República da China (Taiwan), sendo reconhecida como única representante do povo chinês perante essa Organização Internacional (Jabbour, 2021). Já no final da década em tela, tem início a “Reforma e

---

<sup>14</sup> Espaços que contém uma concentração sustentável para exploração econômica de 17 elementos químicos utilizados que são essenciais na produção de eletrônicos, de equipamentos utilizados para geração de energia limpa e de sistemas de armas.

Abertura” conduzida por Deng Xiaoping (1904-1997) que, em que pese ainda ser pautada no intervencionismo do Estado Comunista, fundamentaria o crescimento econômico observado a partir do século XXI, acentuado ainda mais a partir de 2013 com a chegada Xi Jinping (1953-) ao poder (BBC News Brasil, 2019).

Embora Hu Jintao (1942-), que governou a China entre 2003 e 2013, tenha contribuído significativamente para a expansão do país, foi com Xi Jinping que a política externa passou a ser mais efetiva e arrojada. A disputa pela soberania do mar do sul da China comprova essa maior agressividade chinesa promovida por Xi Jinping. Ainda em 2013, o atual governo chinês realizou amplos investimentos em infraestrutura com a Iniciativa “Cinturão e Rota”, robustecendo os antigos caminhos da seda e fomentando o crescimento de países em desenvolvimento, além de posicionar a China como um dos maiores países de concessão de linhas de crédito e financiamentos internacionais. A China colocou-se como uma alternativa para países que não se identificavam com a postura dos Estados Unidos. Cabe ressaltar, porém, que há quem defenda que por trás dessa iniciativa de cooperação global estaria uma aspiração de se utilizar do poderio econômico para forçar os seus devedores a aceitarem os parâmetros estabelecidos pela política externa chinesa (Conde e Moura, 2023).

Em discurso na ONU em 2017, Xi Jinping declarou apoio aos órgãos multilaterais, a manutenção de um desenvolvimento a nível global com cooperação entre os países e a não hegemonia de nenhuma nação no sistema internacional. Complementou relatando que a China estaria disposta a partilhar os seus resultados de crescimento econômico com um mundo, promovendo uma governança global justa e igualitária (Xinhuanet, 2017).

Dessa forma, podemos verificar que a manifestação de Xi Jinping na ONU indica uma proximidade com a perspectiva liberal. Contudo, a grande questão que fica é até que ponto um sistema autoritário interno, uma oposição frontal à hegemonia americana e uma busca incessante pela autossuficiência em todos os tipos de recursos seriam compatíveis com o pensamento dos liberais?

De acordo com Lucas (2024), em publicação no site da Gazeta do Povo, a China possui um sistema de monitoramento digital que identifica usuários de internet que se manifestam contrariamente ao regime do Partido Comunista Chinês (PCC) de Xi Jinping. Há, inclusive, um grande *firewall* chinês que bloqueia o acesso de



cidadãos chineses a sites estrangeiros. Há nessa censura uma contradição à natureza boa dos indivíduos e à cooperação entre eles defendidas pelos liberais?

Para além das questões comerciais, o antagonismo da China em relação aos EUA passa também por questões ideológicas. Em reportagem do New York Post, Doornbos (2025), relata que Xi Jinping, em visita à Rússia em maio do ano corrente, comparou a "hegemonia dos EUA" às forças fascistas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ratificando sua posição contra a ordem global liderada pelos EUA. Também reiterou o desejo de anexar Taiwan, o que é fortemente rechaçado pelos americanos, que vem alertando sobre uma possível invasão de Taiwan. De acordo com Doye (2025) o Comando Indo-Pacífico dos EUA relatou a presença constante de navios de guerra chineses nas proximidades da ilha, alertando para um eventual conflito. Nessa conjuntura observamos não apenas um afrontamento à hegemonia americana, mas também um rompimento com um dos pilares da concepção liberal que é a não homologação de decisões unilaterais. Mingst nos traz uma visão das aspirações chinesas que já anunciavam, ainda no início da era Xi Jinping, esse posicionamento individual, não se importando com o entendimento de órgãos multilaterais:

A China vem preferindo não fazer uso de sua capacidade militar, e não tem lutado para expandir seu território. Mas defende seus interesses nacionais, de acordo com sua política da China Única: a seu ver, Tibete, Taiwan e as ilhas nos mares do Sul da China, incluindo as Ilhas Diaoyu, fazem parte do país. Assim, os chineses se opõem a qualquer posicionamento de Estados vizinhos, tais como Japão, Coreia, Vietnã e mesmo os Estados Unidos, que venham a refutar suas reivindicações. (Mingst, 2014, p. 101).

Assim podemos concluir que a procura contínua pela autossuficiência de recursos, como a já mencionada busca por metais críticos, segmento na qual é líder global, e a tentativa de reduzir a dependência de importações demonstram um certo protecionismo também não condizente com o ideário liberal.

Corrêa (2025) destaca que a rivalidade entre China e EUA foi acentuada durante o primeiro mandato de Trump, sendo impulsionada principalmente pela guerra comercial e que se manteve mesmo após a chegada ao poder do democrata Joe Biden, demonstrando ser um ponto em comum mesmo entre partidos antagônicos. Conforme Tewari (2025), hoje, além desse embate comercial, temos uma disputa tecnológica, principalmente nas áreas de inteligência artificial e de fabricação de semicondutores.

Por fim, podemos inferir que a China, apesar de ser uma adepta do *soft power*<sup>15</sup>, ou no mínimo de um *smart power*<sup>16</sup>, e de adotar um discurso liberal, demonstra também traços realistas, que por sua vez são mais partidários do *hard power* em sua política internacional. Cabe ressaltar, todavia, que esse exercício do poder de forma suave ou inteligente ocorre apenas em suas relações internacionais. No âmbito interno predomina o *hard power* materializado em seu regime ditatorial. Dessa forma, ressaltamos que a perspectiva radical, que norteia regimes comunistas, parece igualmente enfraquecida, talvez em decorrência do crescimento proporcionado pela abertura econômica característica dos sistemas capitalistas.

---

<sup>15</sup> Mingst (2014) nos traz em seu livro a definição de Joseph S. Nye para “soft power”. Este é caracterizado como um “poder brando” que consiste na capacidade de influenciar outros Estados utilizando-se de aspectos intangíveis, ou seja, por meio dos valores que o Estado defende.

<sup>16</sup> De acordo com Joseph S. Nye “smart power” ou “poder inteligente” é uma combinação entre o poder brando e o “hard power” ou poder rígido da economia e da coerção por meio do uso da força (Mingst, 2014).

### 3 A ALIANÇA ESTRATÉGICA DO QUAD E SUA INFLUÊNCIA NA ATUAÇÃO DA OMC NA GEOPOLÍTICA CONTEMPORÂNEA

No presente capítulo passamos a tratar do impacto das novas alianças estratégicas na geopolítica da atualidade, especialmente no que tange a sua capacidade de restringir a atuação dos órgãos multilaterais. Dentre essas novas alianças estratégicas vamos focar na atuação do Diálogo de Segurança Quadrilateral ou *Quadrilateral Security Dialogue* (QUAD) e no impacto causado no desempenho da Organização Mundial do Comércio (OMC). Ao longo do capítulo buscaremos mostrar quais os interesses por trás dessa aliança, especialmente no contexto da disputa entre China e EUA.

#### 3.1 A PERCEPÇÃO DO DIÁLOGO DE SEGURANÇA QUADRILATERAL (QUAD) COMO UM PACTO ESTRATÉGICO

O QUAD representa uma aliança estratégica entre EUA, Japão, Austrália e Índia, cujo objetivo principal, de forma sucinta e objetiva, é conter a expansão chinesa na região do Indo-Pacífico. Segundo o periódico britânico *The Guardian* (2022), esta oposição ao avanço sino não era o intuito inicial. O artigo revela que essa junção entre os quatro países surge em 2004 para remediar os estragos promovidos por um Tsunami no Oceano Índico<sup>17</sup>. Ainda de acordo com a exposição, essa aliança, em 2007, ganhou uma relativa robustez, por meio da iniciativa do então primeiro-ministro japonês Shinzo Abe (1954-2022), mas logo depois, disparatadamente, iniciou uma fase de inatividade. Somente em 2017, com a chegada de Trump ao poder, passou a atuar com o propósito atual, realizando em 2021 a sua primeira reunião protocolar. Por fim, a notícia destaca que a China, preocupada com o aspecto militar do pacto, comparou o QUAD com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), denominando a coalizão “OTAN asiática”.

---

<sup>17</sup> Em dezembro de 2004, um desastre natural provocado por um terremoto no fundo do oceano gerou ondas de até 30 metros, causando grandes estragos na costa de países como Indonésia, Índia, Tailândia e Malásia, dentre outros, acarretando na morte de mais de 227.000 pessoas. Foi o terceiro maior terremoto considerando as catástrofes ocorridas desde o início do século XX e o maior dos últimos 60 anos (BBC News Brasil, 2024).

Demir (2020 apud Pautasso e Cepik, 2022) em trabalho publicado na revista “*Pensamiento Propio*”, titulado “Indo-Pacífico: entre a estratégia estadunidense e a resposta chinesa”, conceitua a extensão marítima entre o Índico e o Pacífico como a área entre a Índia e litoral chinês, passando pelo Mar do Sul da China e pelas adjacências da Oceania. Nesse mesmo estudo, He e Feng (2020 apud Pautasso e Cepik, 2022) relatam que há um objetivo do QUAD em manter essa região livre para a navegação.

A China, em contrapartida, ignora essa definição do Indo-Pacífico e adota a expressão Ásia-Pacífico para se referir ao seu entorno geopolítico. Para os russos o termo é Eurásia (Serbin, 2021 apud Pautasso e Cepik, 2022). Ainda que atue de forma a evitar um confronto direto com os EUA, os chineses mantêm seu posicionamento persistente de não se deixarem ser impelidos pelos estadunidenses. (Rossiter e Cannon, 2020 apud Pautasso e Cepik, 2022).

A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)<sup>18</sup>, que promove o fortalecimento regional por meio do desenvolvimento e cooperação entre os seus membros, por sua vez, ajustou o conceito de Indo-Pacífico defendendo que seja uma região livre de conflitos e apta a prosperar (He e Feng, 2020 apud Pautasso e Cepik, 2022). Essa associação era vista pela China até meados da década de 90 como um concorrente e um obstáculo ao seu crescimento. Superado esse momento, os chineses passaram a estabelecer um diálogo com o bloco e formalizaram um acordo de cooperação comercial. A China aumentou suas transações com a ASEAN de maneira substancial e em 2020 tornou-se o maior parceiro do bloco (Pautasso e Cepik, 2022).

Ainda no ano de 2020, a aproximação mais contundente entre China e ASEAN abriu caminho para o surgimento do RCEP (*Regional Comprehensive Economic Partnership* ou Parceria Econômica Regional Abrangente), que congrega os dez integrantes da ASEAN e mais cinco países, dentre eles a própria China, a Austrália e o Japão (Pautasso e Cepik, 2022). Nesse contexto, a ASEAN consolidou-se como uma organização estabilizadora no antagonismo entre EUA e China. Contudo, é importante ressaltar que caso tenha que pender para um dos lados o escolhido será o Chinês, tendo em vista o enlace geográfico, com o bloco

---

<sup>18</sup> A ASEAN é uma organização intergovernamental composta por 10 países: Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Mianmar, Filipinas, Singapura, Tailândia e Vietnã.

sustentando, inclusive, o posicionamento de que a segurança regional deve ser feita pela própria ASEAN e não pelo QUAD (Serbin, 2021 apud Pautasso e Cepik, 2022).

Tendo por base as concepções apresentadas na presente seção até o momento, podemos inferir o quão difícil é delimitar a atuação do QUAD, o que, de certo modo, atesta que suas aspirações são diferentes de acordo com o partido que o examina. Para os EUA, seu papel é apenas o de garantir uma livre navegação e para os chineses ele representa uma interferência direta e indesejada em sua área de influência.

As aspirações dos EUA na região do Indo-Pacífico provocaram até a alteração do nome de seu Comando Conjunto das Forças Armadas do Pacífico no Havaí para Comando Indo-Pacífico (Anwar, 2020 apud Pautasso e Cepik, 2022). O interesse estadunidense nessa nova abordagem geopolítica pode ser resumido na combinação de três fatores: o crescimento chinês na região, a prosperidade econômica indiana e a vocação da ASEAN para operar como um Órgão capaz de propiciar boas relações entre os seus integrantes e uma solidez regional (Serbin, 2021 apud Pautasso e Cepik, 2022).

Cabe destacar ainda, que a tentativa dos EUA de conter a expansão chinesa é impulsionada significativamente pelos avanços obtidos pela iniciativa do Cinturão e Rota ou *Belt and Road Initiative* (BRI), que além de corredores terrestres, também possui conexões marítimas. Durante seu mandato, Joe Biden motivou o G7<sup>19</sup> a promover o desenvolvimento em infraestrutura de modo a se contrapor ao BRI. A magnitude desse programa chinês é demonstrada claramente por rotas de acesso como o Corredor Econômico China-Península Indochinesa (CICPEC), o Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia-Mianmar (BCIMEC) e o Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), além de outros de outros canais de ligação (Pautasso e Cepik, 2022).

Notamos que a atuação do QUAD, por estar sendo pautada na contenção da China em sua área de interesse, provoca uma reação de outros arranjos como a ASSEAN e o RCEP. É importante observarmos, ainda, que em alguns casos há posicionamentos até certo ponto antagônicos, como as participações de Austrália e Japão no QUAD e no RCEP simultaneamente, não obstante este último, assim

---

<sup>19</sup> G7 é a sigla que representa o grupo dos sete países mais industrializados do mundo, composto por: Alemanha, França, Reino Unido, Itália, Japão, Estados Unidos e Canadá.

como a ASEAN, estar mais voltado para a fomentação do comércio regional e ser um bloco econômico formalmente constituído.

Nessa conjuntura, é admissível pontuarmos que EUA e China jogam uma espécie de xadrez geopolítico na região e que os demais países não firmam posicionamentos rígidos. Outro ponto que destacamos é a postura dos EUA mais voltada para o *hard power*, como demonstrado na alteração do nome de sua base no Havaí, em que pese os chineses terem adotado uma presença mais acentuada nas proximidades de Taiwan.

### 3.1.1 As razões e aspirações japonesas, indianas e australianas

Uma vez que trataremos da influência dos EUA e da China no QUAD no próximo capítulo, nesta subseção iremos abordar apenas os interesses que motivaram a participação no acordo dos demais países membros: o Japão, a Índia e a Austrália.

O Japão, na pessoa de seu ex-primeiro-ministro Shinzo Abe, contribuiu de forma significativa e decisiva para a instituição e manutenção do QUAD. Abe iniciou o movimento do "Indo-Pacífico livre e aberto". Sua ideia era conseguir, simultaneamente, criar um ambiente que lhe favorecesse na disputa com os chineses, por meio do suporte dos EUA e dos demais membros do QUAD em questões de segurança e econômicas para competir com o BRI, e promover o desenvolvimento dos países da Ásia e a África com base em valores democráticos e na economia de mercado e livre das imposições chinesas. Dessa forma, havia uma motivação pautada na disputa geoestratégica particular com Pequim e uma outra amparada no apoio aos países da região. (Zongyou, 2024).

De acordo com Zongyou (2024), outro ponto importante é a atual concorrência pelas Ilhas Senkaku (Diaoyu para os chineses), bem como a perspectiva japonesa de que prevaleça um ideário democrático capaz de se contrapor ao controle chinês na região. Conforme pontuam Pautasso e Cepik (2022), uma das atribuições do QUAD, na visão de Tokyo, é garantir a proteção às fontes marinhas e a aplicação das convenções do direito marítimo na região. Além disso, a proximidade ideológica de Pequim com a Coreia do Norte e as pretensões chinesas em relação a Taiwan preocupam os japoneses, sobretudo o impacto que podem provocar no seu entorno estratégico. De acordo com dados de 2021 do *International Institute for Strategic*

*Studies* (IISS), o Japão apresentava em 2020 o terceiro maior gasto em defesa da região.

Outro proveito almejado pelo Japão por meio do acordo era a proteção de seus investimentos na região, tais como os projetos no setor energético no Vietnã e na Indonésia, na ordem de 10 bilhões de dólares, e o cabo submarino de fibra óptica que interliga Tokyo com Guam e Austrália (Pautasso e Cepik, 2022).

Mais um aspecto que pauta a participação japonesa no QUAD é o Tratado de Cooperação Mútua assinado com os EUA em 1951 e que ainda rege a política de defesa japonesa. Por fim, os japoneses entendem que Pequim vem ofuscando o crescimento de seu Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos (Pautasso e Cepik, 2022).

Passamos agora a tratar das convicções indianas. Para Nova Delhi o BRI chinês, materializado pelo Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), criou um certo asfixiamento para a Índia em sua área de atuação. Adicionalmente, as questões fronteiriças entre os dois países maximizam as motivações indianas para obstruir os canais de expansão de Pequim. Em 2020, um embate com os chineses em uma área de divisa, o segundo em três anos, deixou vários mortos e feridos, levando o governo de Nova Delhi a proclamar a China como “inimiga número um” de seu país (Zongyou, 2024).

Pequim é percebida pelos indianos como um entrave às suas pretensões de crescimento, tendo em vista exercer um poder econômico na região do Indo-Pacífico. Dessa forma o QUAD é visto como um meio para evitar uma exclusividade da China no domínio da Ásia (Zongyou, 2024).

Por outro lado, Pautasso e Cepik (2022) asseveram que os indianos buscam parametrizar suas ações. Nesse sentido, os ganhos obtidos em eventual confronto com China e Paquistão talvez não compensassem os prejuízos desse embate, o que, por sua vez, pode sugerir que Nova Delhi não estaria inteiramente disposta a aderir a estratégia de contenção estadunidense caso ela evoluísse para um conflito direto. Conforme relatado em 2021 pelo IISS, a Índia possuía em 2020 o terceiro maior gasto em defesa do mundo e o segundo a nível regional, mas ainda atrás dos chineses. O país vem fortalecendo sua indústria de defesa com o programa “*Made in India*” e fortalecendo seu poder naval.

Finalmente, cabe destacar que os indianos precisam balancear as dificuldades trazidas pelo CPEC, somadas as questões fronteiriças como a

Caxemira, e o comércio bilateral com a própria China, que têm trazido frutos. Ressalta-se ainda os seus objetivos a serem alcançados com o apoio do QUAD, que são um fator ponderador nessa equação (Sarbin, 2020 apud Pautasso e Cepik, 2022).

No que diz respeito à Austrália, o país, em determinado momento, até foi favorecido pelo desenvolvimento chinês. Contudo, essa mesma evolução sina provocou uma relação de dependência. Segundo o estudioso chinês Zhang Jie, a Austrália, juntamente com o Japão, foi um dos países que mais insistiu para a formação do QUAD (Zongyou, 2024).

O ex-Primeiro-ministro australiano Malcolm Turnbull, que exerceu o cargo entre 2015 e 2018, defendeu que estava ocorrendo uma grande mudança na conjuntura geopolítica, com um fenômeno da antiglobalização propondo desafios para a governança mundial. Nesse contexto, Turnbull alertou para o crescimento chinês no Indo-Pacífico, que passou a superar o dos EUA, e afirmou que Pequim passaria a atuar de forma incisiva para atingir unicamente seus interesses. Essa perspectiva de Sydney foi contemplada em seu Livro Branco de Política Externa. (Zongyou, 2024).

As relações entre Austrália e China se complicaram ainda mais quando o sucessor de Turnbull, Scott John Morrison, chegou ao poder acusando Pequim de prejudicar o crescimento do setor de tecnologia da informação australiano ao impedir que empresas chinesas se estabelecessem no país. Outra queixa australiana em reação à China foi o não cumprimento de um acordo com relação à exploração de recursos no Mar da China Meridional, o qual não foi ratificado por Pequim (Zongyou, 2024).

Podemos verificar que embora o QUAD seja um tratado cujos objetivos primam pela satisfação de interesses em comum dos quatro países envolvidos, as alegações e justificativas para firmarem o acordo são individuais, assim como os ganhos que se pretendem auferir dessa aliança estratégica. Índia, Japão, Austrália e, principalmente, Estados Unidos da América procuram extrair o máximo dessa aliança. Dessa forma, podemos entender o porquê da pluralidade de atividades do QUAD que trataremos na próxima subseção.

### 3.1.2 A relevância das ações e perspectivas para o QUAD



Shinzo Abe já na concepção do QUAD defendia que a aliança deveria atuar em três esferas: política, econômica e de segurança. No contexto governamental buscava coibir a exclusividade chinesa no domínio da região do Indo-Pacífico e a consequente manutenção de um viés democrático. Economicamente visava garantir o progresso da infraestrutura na região de modo a alavancar o crescimento. Por fim, no aspecto da segurança, o objetivo era garantir a participação estadunidense na defesa dos demais integrantes do QUAD, bem como ampliar vínculos com os países do sudeste asiático (Zongyou, 2024).

Após o seu retorno em 2017, depois de um período de dez anos de inércia, seus membros se reuniram para discutir uma grande variedade de pautas, dentre elas segurança marítima e Coreia do Norte. Em 2019, por iniciativa do governo Trump, o QUAD passou a ser discutido em uma esfera ministerial. Os assuntos abordados englobaram outros temas como terrorismo e defesa cibernética, além de acordarem a manutenção do apoio mútuo em caso de desastres, que deu origem ao QUAD em 2004 (Zongyou, 2024).

Trump, em seu primeiro mandato, foi um grande incentivador do QUAD, promovendo diálogos e consultas. Biden ao assumir o poder em 2021 não só manteve o grau de importância dada a aliança, como elevou o nível hierárquico das reuniões, que passaram a ser conduzidas pelos líderes de cada país ao invés de ministros. Foram realizados encontros entre 2021 e 2023, bem como estabelecidos grupos de trabalhos para tratarem de assuntos como: vacinas, novas tecnologias relevantes, questões climáticas, ciberespaço e pesca ilegal (Zongyou, 2024).

Em comunicado à imprensa realizado pelo Gabinete do Primeiro-Ministro indiano Narendra Modi, por meio da agência de notícias governamental Press Information Bureau (PIB), após a cúpula de líderes realizada nos EUA em 2024, o QUAD apresentou um panorama de suas ações nos últimos anos. Em 2022, foi criada a Parceria Indo-Pacífico para a Conscientização do Domínio Marítimo (IPMDA), para monitoramento e proteção das águas. No que tange à parte de tecnologia foi anunciado o investimento de mais US\$ 140 milhões no desenvolvimento e manutenção de cabos submarinos (PIB, 2024).

Em 2022 o QUAD iniciou um investimento de US\$ 50 bilhões, a ser integralizado até 2027, para melhoria da infraestrutura na região do Indo-Pacífico (Pubby, 2022). Durante a pandemia da COVID-19 ficou latente a deficiência da cadeia de suprimentos, que era altamente dependente dos chineses. Nesse

contexto, o QUAD procurou melhorar esse fluxo logístico (Curtis, 2023). Conforme já mencionamos no presente trabalho, um dos pilares do QUAD é fornecer uma alternativa à iniciativa BRI da China.

No campo militar, os quatro países realizam exercícios conjuntos, a fim de demonstrarem a capacidade da aliança de se contrapor ao avanço chinês, mantendo o Indo-Pacífico livre e aberto. Em 2024, o 28º Malabar<sup>20</sup> contemplou operações de guerra antissubmarino e de defesa aérea (Casimiro, 2024).

No que diz respeito às projeções e cenários futuros para QUAD, o atual governo Trump pretende reduzir o portfólio de atividades e concentrar os esforços no objetivo primordial do pacto, que é o de manter o Indo-Pacífico livre da esfera de influência chinesa. Para alcançar esse propósito será necessário, dentre outras ações, ampliar a Parceria Indo-Pacífico para a Conscientização do Domínio Marítimo (IPMDA), mais especificamente na área do Índico ocidental, manter investimentos em infraestrutura de modo a contribuir para a expansão de corredores logísticos, estreitar as relações com a ASEAN e consolidar a cooperação com o setor privado dos países integrantes da aliança por meio da *Quad Investors Network* (QUIN) ou Rede de Investidores do QUAD, iniciada em 2022 (Curtis et al., 2025).

Observamos, assim, que o QUAD vem envidando esforços a fim robustecer a aliança e propiciar efetividade em suas ações. Contudo, os desafios ainda são enormes se comparados com os avanços obtidos pelos chineses, principalmente por meio da iniciativa BRI. É plausível supor que a inatividade de uma década, entre 2007 e 2017, tenha contribuído para a situação atual, que demandará mais recursos e resiliência de seus integrantes.

### 3.2 O ENFRAQUECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO

A Organização Mundial do Comércio (OMC) atua de forma a regular a economia mundial, contribuindo para que as relações entre os seus 166 estados-membros ocorram de forma justa e equilibrada. Contudo, nos últimos anos o Órgão não tem conseguido desempenhar esse papel de mediador. Em 2024, a 13ª

---

<sup>20</sup> O Malabar é um exercício militar conjunto realizado entre as forças navais dos EUA, da Índia, da Austrália e do Japão. A edição 28 foi realizada em outubro de 2024 em Vishakhapatnam, Índia. O 1º exercício foi bilateral, envolvendo apenas EUA e Índia em 1992 (Koenig, 2024).

Conferência Ministerial discutiu a necessidade de modernizar o seu sistema de solução de controvérsias<sup>21</sup> (Shi, 2024).

A disputa sino-estadunidense colabora significativamente para esse declínio da OMC. De acordo com Shi (2024), um dos pontos que demonstra essa relação de causa e efeito é a falta de efetividade de suas regras para coibir práticas que não são compatíveis com a economia de mercado. Shi argumenta que a China é constantemente interpelada por não cumprir os preceitos da Declaração de Marrakesh<sup>22</sup>. Outro fator que comprova que essa concorrência degradou as relações comerciais supervisionadas pela OMC é a adoção de medidas individualistas pelos EUA, que por sua vez alegam motivações relacionadas à segurança do país. Shi complementa relatando que a concepção estadunidense é baseada em uma resposta à postura chinesa e que busca equilibrar questões globais e internas dos países.

Conforme já abordado, as disputas comerciais entre China e EUA se acentuaram desde o primeiro governo Trump e permanecem aquecidas na atualidade. Todavia, em maio deste ano os dois países anunciaram um acordo para redução de suas tarifas na ordem de 115%, em que pese as mesmas ainda serem altas, porém aceitáveis na visão de analistas. O ajuste firmado tem validade provisória de 90 dias e foi forçado pelos prejuízos que ambos estavam tendo. Cabe destacar, que o acordo é passível de renovação (BBC News Brasil, 2025).

Em meio a essa crise, os EUA supostamente pararam de realizar contribuições para OMC motivados por sua atual postura de afastamento de Órgãos Internacionais, bem como por uma revisão de gastos do atual governo estadunidense. O país é responsável por cerca de 11% dos valores arrecadados pela OMC de seus Estados-membros. Conforme posicionamento do Órgão a falta de contribuições pode ocasionar sanções administrativas (Farge, 2025).

Uma medida mais drástica também está em pauta nos EUA. O Congresso estadunidense estuda um pedido de saída do país da OMC. Uma eventual desfiliação, todavia, implicaria consequências negativas. Números apontam que o comércio global aumentou significativamente desde a instituição da OMC (171%

---

<sup>21</sup> Conforme informações disponíveis no site da OMC, o sistema de solução de controvérsias representa a principal atribuição do órgão, permitindo um comércio mais seguro e estável no sentido de coibir desequilíbrios e favorecimentos unilaterais (WTO, 2025).

<sup>22</sup> Declaração de Marrakesh: Preconiza a economia de mercado com a implementação de políticas voltadas para um sistema multilateral de comércio (Shi, 2024).

entre os países membros). Há quem acredite que EUA e China não podem conviver simultaneamente dentro da OMC (Bacchus, 2025).

O Tribunal de apelação da OMC<sup>23</sup> está inativo desde o final 2019 quando Trump impediu a nomeação de novos membros, causando a estagnação do tribunal por falta de integrantes suficientes para julgamento das apelações. Os EUA alegaram que o foro estava ultrapassando limites jurídicos em suas deliberações. Assim sendo, o sistema de solução de controvérsias vem funcionando de forma precária e imperfeita, uma vez que não está desempenhando integralmente as suas funções (Poidevin, 2025).

Desde 2016 os EUA vêm bloqueando paulatinamente a nomeação de novos integrantes para o tribunal. O resultado desse processo foi que em dezembro de 2019 a Corte ficou com menos do quantitativo mínimo de três membros, o que inviabilizou o seu funcionamento a partir de 2020. A nomeação de novos integrantes exige a anuência de todos os membros da OMC. Consequentemente, essa simples conduta estadunidense foi capaz de paralisar o órgão de apelação (Cambridge University Press, 2019).

Ainda no mesmo ano de 2020, foi criado o *Multi-Party Interim Appeal Arbitration Arrangement* (MPIA) ou Acordo de Arbitragem de Apelação Interina Multipartidária como um recurso alternativo em decorrência da paralisação do órgão de apelação. Até junho de 2025, esse acordo já era composto por 56 membros. O último a se tornar signatário foi o Reino Unido (Poidevin, 2025).

Notamos que tanto os EUA quanto a China têm provocado uma performance mais atenuada e debilitada da OMC. Os estadunidenses de forma mais substancial pela adoção de medidas mais formais e contundentes. A China de forma mais silenciosa, mas não menos incisiva, atua contrariando princípios da livre economia de mercado, um dos pilares da OMC materializada na Declaração de Marrakesh. Nesse contexto, essa interação às avessas entre as duas maiores economias do mundo vai minando a razão de existir da OMC, sobretudo, pela capacidade de ambos de influenciar e agregar outros atores.

---

<sup>23</sup> Conforme informações disponíveis no site da OMC, o Tribunal de apelação é a segunda e última instância dentro do sistema de solução de controvérsias do órgão. De acordo com Artigo 17.1 do Entendimento sobre Solução de Controvérsias (DSU) deve ser composto por sete pessoas, com mandato de quatro anos, que devem atuar de forma independente, não sendo, portanto, representante de nenhum governo. A primeira instância consiste em um painel de especialistas que elabora um relatório de recomendações (WTO, 2025).

Nessa conjuntura, podemos inferir que o QUAD, tendo em vista que a sua missão principal, sob a liderança dos EUA, é a de conter a expansão chinesa, constitui mais um fator que ajuda a explicar o declínio da OMC. Quando apreciamos os propósitos dessa aliança e seu caráter mais regionalizado, essa relação torna-se ainda mais vinculante.

Podemos concluir que o QUAD fomentou acordos menos abrangentes no que diz respeito ao número de participantes, se contrapondo ao aspecto multilateral da OMC. Outro ponto a ser considerado é a associação entre comércio e segurança que o QUAD propicia, enquanto a OMC se limita apenas a questões econômicas. Dessa forma, os assuntos passam a ser discutidos mais em fóruns regionalizados como o QUAD do que em órgãos multilaterais como a OMC.

## 4 A INTERFERÊNCIA DA CONCORRÊNCIA EUA-CHINA NO QUAD E NA OMC

Até o presente momento procuramos apresentar uma exposição dos fundamentos que regem as relações internacionais dos EUA e da China dentro do sistema global e realizamos uma análise do QUAD como aliança estratégica e sua influência em um Órgão Internacional formalmente constituído, a OMC. Dentro da perspectiva desse exame abordamos ainda os anseios e motivações que suscitaram a cooperação de Índia, Japão e Austrália com os EUA no desenvolvimento e projeção do QUAD.

O capítulo em tela tratará de estabelecer um comparativo entre EUA e China no que tange às vertentes econômica e militar, explorando como esses aspectos pautam a atuação do QUAD e, conseqüentemente, da OMC.

No intuito de nos aproximarmos de uma melhor dialética, dividimos este capítulo em duas partes. A primeira abordando parâmetros e indicadores dos EUA e da China no ambiente internacional de maneira a observar a condição de cada um em relação aos demais países e a subsidiar uma análise mais estruturada. A segunda, tratando especificamente da influência da disputa sino-estadunidense no QUAD e na OMC.

### 4.1 UM EXAME DO *STATUS* DOS EUA E DA CHINA DENTRO DA CONJUNTURA GLOBAL

Para elaborarmos um panorama mais embasado da disputa sino-estadunidense, faz-se necessário estabelecer um comparativo objetivo e parametrizado. Sendo assim, utilizaremos indicadores extraídos do *site* do *World Bank Group* (Grupo do Banco Mundial) para uma melhor compreensão dessa concorrência sino-estadunidense, abordando questões econômicas e militares. Cabe destacar que para a realização dessa análise nos valem apenas de alguns parâmetros considerados mais significativos, tendo em vista a quantidade de variáveis que existem para mensuração. Os indicadores selecionados buscam, dessa forma, contribuir para uma apuração mais simples e objetiva.

#### 4.1.1 A vertente econômica

Os EUA, em que pese a expansão chinesa, continuam como a maior economia do mundo considerando o Produto Interno Bruto (PIB)<sup>24</sup>. Em 2024, os estadunidenses alcançaram o valor de 29,2 trilhões de dólares. A China aparece na segunda posição com 18,7 trilhões. Destaque também para os demais países que compõem o QUAD que, com exceção da Austrália, estão no quadro dos dez primeiros. Outro ponto a ser ressaltado é que o PIB estadunidense é consideravelmente maior do que o da União Europeia, que é de 19,4 trilhões, sendo, por sua vez, um pouco superior ao dos chineses.

Tabela 1 - Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2024 em US\$

| Posição | País           | PIB 2024 em US\$        |
|---------|----------------|-------------------------|
| 1       | United States  | \$29.184.890.000.000,00 |
| 2       | China          | \$18.743.803.170.827,20 |
| 3       | Germany        | \$4.659.929.336.890,62  |
| 4       | Japan          | \$4.026.210.821.146,81  |
| 5       | India          | \$3.912.686.168.582,21  |
| 6       | United Kingdom | \$3.643.834.188.782,91  |
| 7       | France         | \$3.162.079.073.495,78  |
| 8       | Italy          | \$2.372.774.547.793,12  |
| 9       | Canada         | \$2.241.253.230.970,34  |
| 10      | Brazil         | \$2.179.412.080.828,59  |

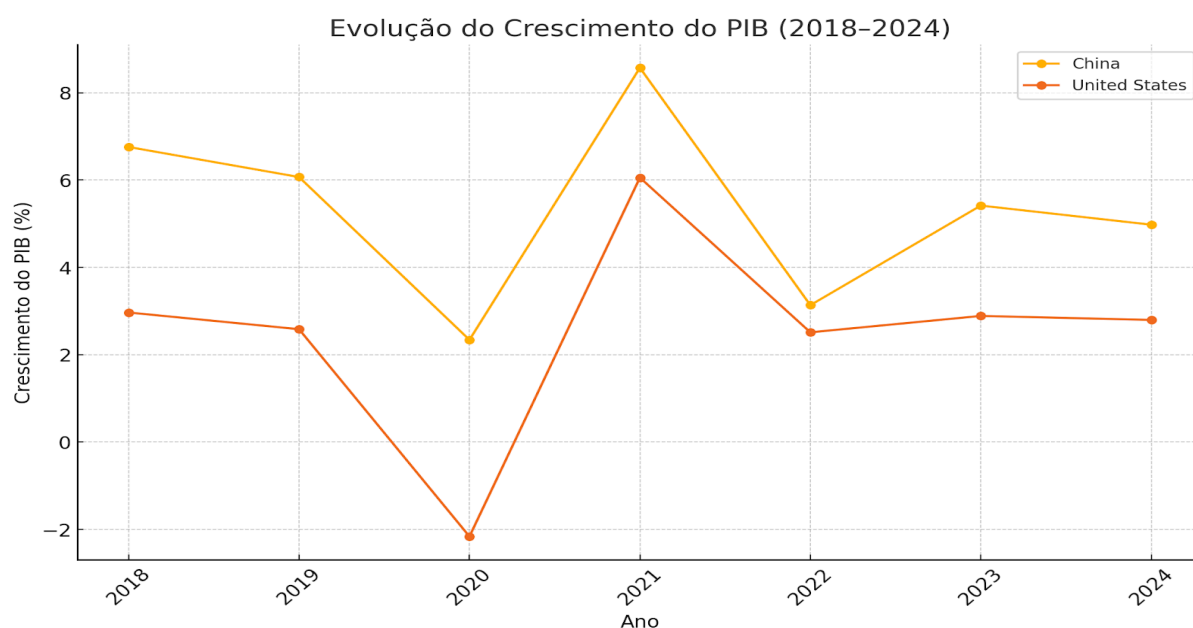
Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Entre 2018 e 2024, o PIB dos EUA cresceu cumulativamente 17,64% contra 37,26% dos chineses. O crescimento médio foi de 2,52% e 5,32%, respectivamente. Cabe destacarmos que em 2020, no auge da pandemia da COVID-19, a China, ainda assim conseguiu um crescimento positivo de 2,34% e os EUA experimentaram um encolhimento de 2,16%. Nessa conjuntura, notamos que Pequim manteve seu progresso, ainda que em uma cadência menor, no momento em que a maioria dos países auferiu um decréscimo na sua economia. Todavia, o desempenho chinês nos seis anos anteriores, entre 2011 e 2017, era ainda melhor com um crescimento médio de 7,60%, talvez impulsionado pela política externa mais agressiva do início

<sup>24</sup> De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB é o somatório de tudo que é produzido no país, entre bens e serviços, em um ano. Em que pese ser apenas mais um indicador para a mensuração da situação econômica de um país, não abordando outros aspectos tais como distribuição de renda e qualidade de vida das pessoas que nele residem, ele é bastante utilizado para estabelecer comparativos no que diz respeito ao porte das economias dos países.

do governo de Xi Jinping. Os EUA, em contrapartida, conseguiram melhorar um pouco o seu desempenho anterior, que era de 2,25%. É importante atentarmos que, comparando os dois períodos, o regresso no compasso do crescimento do PIB de Pequim e a melhoria tênue de Washington coincidem com o renascimento do QUAD em 2017. Contudo, no espaço temporal dos últimos seis anos, a China ainda permanece com um crescimento anual do PIB superior ao estadunidense e na sua busca permanente de reduzir a diferença em relação ao PIB de seu concorrente em números absolutos.

Gráfico 1 - Comparação da evolução do PIB dos EUA e da China entre os anos de 2018 e 2024



Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Criado pelo autor.

No que tange ao volume de exportações de bens e serviços, considerando o ano de 2024, a China lidera com um montante aproximado de 3,8 trilhões de dólares contra 3,2 dos estadunidenses. Os chineses registraram um crescimento de 43,08% em suas exportações em relação ao ano de 2018. Nos EUA esse indicador foi de 25,49%. Mais uma vez os países componentes do QUAD, Índia e Japão, estão em destaque. Tokio ostenta a colocação de número 8 com um total 922 milhões de dólares e Nova Delhi termina a amostra com um volume de 822 milhões de dólares.



Tabela 2 - Volume de Exportações em US\$ no ano de 2024

| <b>Posição</b> | <b>País</b>    | <b>Exportações 2024 em US\$</b> |
|----------------|----------------|---------------------------------|
| 1              | China          | \$3.792.950.717.268,08          |
| 2              | United States  | \$3.190.604.000.000,00          |
| 3              | Germany        | \$1.949.101.561.120,17          |
| 4              | United Kingdom | \$1.116.624.405.567,79          |
| 5              | France         | \$1.071.123.428.598,05          |
| 6              | Netherlands    | \$1.032.468.130.551,91          |
| 7              | Singapore      | \$978.597.275.924,87            |
| 8              | Japan          | \$922.447.048.198,65            |
| 9              | Korea, Rep.    | \$835.148.800.000,00            |
| 10             | India          | \$822.045.800.089,99            |

Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Em relação às importações, os EUA retomam a liderança com um volume aproximado de 4,1 trilhões de dólares contra 3,2 dos chineses. Pequim apresentou uma evolução de 26,96% em suas compras no comércio internacional comparativamente ao ano de 2018. Em Washington esse crescimento foi de 31,64%.

Tabela 3 - Volume de Importações em US\$ no ano de 2024

| <b>Posição</b> | <b>País</b>    | <b>Importações 2024 em US\$</b> |
|----------------|----------------|---------------------------------|
| 1              | United States  | \$4.108.442.000.000,00          |
| 2              | China          | \$3.253.992.699.024,39          |
| 3              | Germany        | \$1.774.301.331.131,22          |
| 4              | United Kingdom | \$1.157.848.698.037,60          |
| 5              | France         | \$1.074.434.908.748,14          |
| 6              | Japan          | \$965.047.346.578,89            |
| 7              | India          | \$923.080.597.399,61            |
| 8              | Netherlands    | \$884.154.370.375,13            |
| 9              | Singapore      | \$786.020.430.563,53            |
| 10             | Korea, Rep.    | \$758.723.500.000,00            |

Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Esse desempenho chinês no que tange à sua balança comercial vem rendendo superávits contínuos. Em 2024 apresentou um saldo positivo na ordem de 540 bilhões de dólares. Em contrapartida, os EUA tiveram um déficit de

aproximadamente 918 bilhões de dólares, tendo em vista um montante bem superior de importações. Os estadunidenses, inclusive, estão em um período de constantes déficits. Observando de 2018 até 2024 foram sempre saldos negativos. Em contraste acentuado com o que vem ocorrendo com os chineses, os EUA não somente apresentam perenemente importações superiores às exportações, como aprofundam essas diferenças. Comparando 2018 com 2024, esse indicador desfavorável cresceu 58,53%. Pequim por sua vez conseguiu aumentar mais de cinco vezes o superávit de sua balança no mesmo período (crescimento de 513,11%). Este parâmetro pode nos ajudar a entender as crescentes guerras tarifárias entre os países, principalmente sob o prisma estadunidense.

Observando apenas parâmetros econômicos apresentados, podemos ter uma dimensão do tamanho da disputa sino-americana. Os EUA são responsáveis por aproximadamente 26,22% do PIB mundial e a China 16,84%. Somados os dois PIB, eles representam quase metade de tudo que é produzido no mundo (43,05%). No que diz respeito às exportações, Washington possui 9,85% e Pequim 11,71% do total das exportações à nível global. Em relação às importações, os percentuais são de 13,15% e 10,41%, respectivamente. Desse sintético quadro econômico, podemos extrair uma concepção de que essa concorrência permanecerá na dianteira no que diz respeito à capacidade de influenciar as relações entre os países, afetando substancialmente a governança global.

#### 4.1.2 O aspecto militar

Conforme dados obtidos no site do Grupo do Banco Mundial relativos ao ano de 2023, os EUA gastaram 3,36% de seu PIB com defesa. Considerando o histórico, desde 2018 esse número esteve entre 3,30% (2018) e 3,65% (2020). Os chineses, por sua vez, apresentaram gastos militares na ordem de 1,67% do PIB, com esse percentual variando entre 1,61% (2021) e 1,76% (2020). Notamos que o ápice dessa série histórica entre 2018 e 2023 ocorreu, em ambos os casos, no ano de 2020 que foi o mais castigado pela pandemia da COVID-19. Dessa forma, é possível deduzir que a queda no PIB no ano de 2020 não afetou diretamente o volume de gastos em defesa.

Em números absolutos, Washington é disparadamente o que mais gasta com defesa, com um montante de aproximadamente 932 bilhões de dólares anuais. Para

termos uma ideia da magnitude desse valor, ele corresponde a cerca de 43% do PIB brasileiro. Pequim aparece na segunda posição com 304 bilhões, o equivalente a cerca de 1/3 do dispêndio estadunidense. Entre 2018 e 2023, os gastos estadunidenses aumentaram 36% e o chinês 28%. Importante ressaltarmos, ainda, que os EUA comprometem 9,06% de seu orçamento com defesa e a China 4,97%. No enquadramento dos dez primeiros de gastos em defesa em valores absolutos, sobressaem-se mais uma vez Índia e Japão.

Tabela 4 - Gastos em Defesa em US\$ no ano de 2023

| <b>Posição</b> | <b>País</b>        | <b>Gasto em Defesa 2023 em US\$</b> |
|----------------|--------------------|-------------------------------------|
| 1              | United States      | \$931.924.909.223,66                |
| 2              | China              | \$304.263.401.344,02                |
| 3              | Russian Federation | \$121.477.008.216,14                |
| 4              | India              | \$88.890.135.686,71                 |
| 5              | Saudi Arabia       | \$86.353.607.451,47                 |
| 6              | United Kingdom     | \$76.323.295.991,60                 |
| 7              | Germany            | \$68.774.946.308,88                 |
| 8              | Ukraine            | \$66.423.322.175,58                 |
| 9              | France             | \$62.757.460.535,22                 |
| 10             | Japan              | \$50.392.425.818,10                 |

Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Outro indicador que trazemos para uma análise mais objetiva da competição sino-estadunidense é o tamanho do efetivo de suas forças armadas. A China, conforme o dado mais recente disponível, relativo ao ano de 2020, possuía um efetivo de mais de 2,5 milhões de militares, ocupando a segunda posição nesse parâmetro. A Índia, mesmo diante do fato de ainda não ser o país mais populoso naquele momento, liderava com o quantitativo de mais 3 milhões. Os EUA figuravam no quinto lugar com aproximadamente 1,4 milhão. Em que pese a maior quantidade absoluta de militares dos chineses, tendo em vista a sua maior população, é importante destacarmos que o percentual do efetivo em relação à força de trabalho estadunidense é de 0,84% e de Pequim 0,33%. Dessa forma, atribuímos um fator ponderador à análise, uma vez que há uma diferença considerável entre os países em relação à população e, conseqüentemente, à quantidade de pessoas no mercado de trabalho.

Tabela 5 - Efetivo das Forças Armadas no ano de 2020

| <b>Posição</b> | <b>País</b>               | <b>Efetivo das Forças Armadas em 2020</b> |
|----------------|---------------------------|-------------------------------------------|
| 1              | Índia                     | 3.068.000                                 |
| 2              | China                     | 2.535.000                                 |
| 3              | Korea, Dem. People's Rep. | 1.469.000                                 |
| 4              | Russian Federation        | 1.454.000                                 |
| 5              | United States             | 1.395.000                                 |
| 6              | Pakistan                  | 943.000                                   |
| 7              | Egypt, Arab Rep.          | 836.000                                   |
| 8              | Brazil                    | 762.000                                   |
| 9              | Indonesia                 | 676.000                                   |
| 10             | Iran, Islamic Rep.        | 650.000                                   |

Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Outra abordagem necessária diz respeito à capacidade da indústria de defesa. Para realizarmos uma consideração ainda que sumária, mas mantendo o caráter objetivo, iremos nos pautar no volume de exportações de armas. Em 2024, os EUA exportaram 13,5 bilhões de dólares em armas contra 1,1 bilhão dos chineses. Esse montante estadunidense corresponde a mais da metade do volume total global exportado (50,05%). Os EUA lideram com bastante margem nesse parâmetro.

Tabela 6 - Volume de Exportações de Armas em US\$ no ano de 2024

| <b>Posição</b> | <b>País</b>        | <b>Exportações de Armas 2024 EM US\$</b> |
|----------------|--------------------|------------------------------------------|
| 1              | United States      | \$13.512.000.000,00                      |
| 2              | France             | \$2.272.000.000,00                       |
| 3              | Germany            | \$2.049.000.000,00                       |
| 4              | Italy              | \$1.379.000.000,00                       |
| 5              | Russian Federation | \$1.339.000.000,00                       |
| 6              | China              | \$1.131.000.000,00                       |
| 7              | Israel             | \$1.026.000.000,00                       |
| 8              | Korea, Rep.        | \$964.000.000,00                         |
| 9              | United Kingdom     | \$756.000.000,00                         |
| 10             | Norway             | \$710.000.000,00                         |

Fonte: Grupo do Banco Mundial. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Por fim, encerrando a análise da vertente militar, vamos nos ater à capacidade de força propriamente dita dos EUA e da China. Com base em dados obtidos no site *Global Fire Power*, Washington aparece como a maior potência militar do mundo e Pequim aparece na terceira posição, atrás da Rússia, porém, empatadas tecnicamente. Essa plataforma estabelece um índice que consolida diversos atributos, dentre os quais se destacam: forças terrestres, poder naval, poder aéreo, logística, finanças, geografia e recursos naturais. Quanto mais próximo de zero for esse indicador, maior o poder de combate do país. Índia e Japão também aparecem entre os dez primeiros.

Tabela 7 - Índice de potência de poder de combate

| <b>Posição</b> | <b>País</b>         | <b>Índice de Potência</b> |
|----------------|---------------------|---------------------------|
| 1              | Estados Unidos      | 0,0744                    |
| 2              | Rússia              | 0,0788                    |
| 3              | China               | 0,0788                    |
| 4              | Índia               | 0,1184                    |
| 5              | República da Coreia | 0,1656                    |
| 6              | Reino Unido         | 0,1785                    |
| 7              | Japão               | 0,1839                    |
| 8              | França              | 0,1878                    |
| 9              | Turquia             | 0,1902                    |
| 10             | Itália              | 0,2162                    |

Fonte: Global Fire Power. Disponível em <https://www.globalfirepower.com/countries-listing.php>. Acesso em 18 jul. 2025. Adaptada pelo autor.

Sob o aspecto militar também observamos uma supremacia estadunidense em relação aos chineses, bem mais consolidada do que na perspectiva econômica. Washington leva vantagem em praticamente todos os aspectos abordados, exceto no quantitativo absoluto de militares que, todavia, quando revisto de forma proporcional à força de trabalho indica outra superioridade estadunidense. Outro ponto a ser destacado é que os aliados dos EUA no QUAD, Índia e Japão, também aparecem entre as principais potências militares e econômicas.

#### 4.2 O REFLEXO DA CONCORRÊNCIA ENTRE OS EUA E A CHINA NO QUAD E NA OMC

#### 4.2.1 O impacto estadunidense

De acordo com Scobell (2020 apud Pautasso e Cepik, 2022), o desejo dos EUA de iniciar uma oposição ao avanço sino tornou-se um preceito basilar do governo estadunidense a partir da década de 2010. Até aquele momento ainda havia uma propensão a manter um regime colaborativo com os chineses, do tipo “ganha-ganha”. Contudo, grupos políticos de Washington que defendiam esse posicionamento se fracionaram e perderam força, dando lugar a partidários de uma atitude mais ríspida e antagônica em relação à China.

É importante observarmos que essa alteração de rumo ocorre justamente na chegada de Xi Jinping ao poder em 2013. Não por coincidência essa mudança acontece nessa época, uma vez que, conforme já abordado no presente estudo, esse novo governo chinês mostrou-se mais agressivo em sua política externa exigindo a soberania chinesa no Mar do Sul e implementando uma estratégia de expansão por meio da Iniciativa “Cinturão e Rota” (BRI). Dessa forma, podemos deduzir que a disputa com a China teve origem em uma resposta estadunidense a um movimento chinês que passou a ameaçar a sua hegemonia e supremacia.

Nesse cenário, Zongyou (2024) asseverou que Trump em 2017 já visualizava a necessidade de reprimir os chineses como uma condição estratégica e primordial para a manutenção da posição de liderança dos EUA, o que levou o país a intensificar essa disputa com os chineses por meio de confrontos comerciais, tarifários e tecnológicos. Todavia, estas medidas, conforme entendimento da Casa Branca, não seriam suficientes para frear o progresso da China. Sendo assim, os EUA iniciaram a procura por países que também estivessem determinados em mudar o *status quo* que se apresentava. Dessa forma, o renascimento do QUAD despontou como a alternativa mais viável e aparentemente mais efetiva para aquele momento. Os outros três países que compunham a aliança tinham proveitos e benefícios a serem explorados por Washington, ajudando a equilibrar forças com Pequim na região do Indo-Pacífico. A Austrália espelhava comportamentos estadunidenses e possuía um peso geográfico bastante considerável, a Índia demonstrava capacidade de projeção no sul da Ásia e o Japão aprimorava competências tecnológicas e representava uma força econômica da região.

É factível compreendermos que os EUA passaram a utilizar o QUAD como um mecanismo para projetar seu poder no Indo-Pacífico e se contrapor à ameaça

chinesa em razão da adoção dessa política sinérgica. Embora o Japão tenha sido um dos maiores incentivadores da aliança em sua fase embrionária e em sua retomada, Washington é quem atualmente mantém a pujança do QUAD.

Conforme abordado na seção anterior, o ressurgimento do QUAD em 2017 coincidiu com uma redução no ritmo do crescimento da economia chinesa e uma leve melhoria no progresso do PIB dos EUA. Concomitantemente, conforme dados do Grupo do Banco Mundial, os demais países da aliança também conseguiram experimentar crescimentos econômicos satisfatórios entre 2018 e 2024, em que pese o forte impacto da COVID-19. A Índia conseguiu uma evolução média anual de 5,36% em seu PIB, acima da dos chineses que foi 5,32% no mesmo período. A Austrália teve um índice de 2,31%, próximo ao dos estadunidenses que foi de 2,52%. O Japão foi o único país do QUAD que ficou praticamente estagnado no período examinado com 0,18% de progresso.

Outro impacto no QUAD provocado pela disputa sino-estadunidense foi o incremento no comércio bilateral entre os países componentes da aliança. Conforme dados disponíveis no site da OMC, os EUA, comparando os anos de 2018 e 2022, aumentaram em 21,04% o total de importações oriundas da Índia, da Austrália e do Japão. Considerando somente a Austrália esse aumento foi de 64,72%. As exportações estadunidenses para os demais países do QUAD também cresceram 22,36% no mesmo período. Dentre os itens que mais contribuíram para o incremento nesse comércio estão o petróleo, minerais e metais. É importante destacar, ainda, que os EUA reduziram as importações chinesas em 3,68% no período referenciado.

É relevante pontuarmos novamente que os governos Trump e Biden promoveram a ampliação dos diálogos entre os países da aliança e trataram de estabelecer grupos de trabalho para aprofundarem essas discussões e elaborarem as iniciativas a serem adotadas, além de elevarem o nível hierárquico das reuniões, que passaram a ser conduzidas pelos líderes de cada país. Outro ponto a ser evidenciado é que os estadunidenses já cogitaram em 2020, em decorrência da pandemia da COVID-19, a criação de uma aliança formal militar originada a partir do QUAD, uma espécie de “OTAN Asiática”. Contudo, a ideia não evoluiu em decorrência de um eventual desconforto da Índia, que não tem um histórico de alinhamento com Washington, em estabelecer esse tipo de aproximação com os

EUA. O governo Biden também optou por manter a informalidade da aliança, embora tenha procurado fortificá-la (Zongyou, 2024).

Conforme observamos, os EUA possuem argumentos para se manterem confiantes no desenvolvimento do QUAD como um componente primordial da solução para arrefecer a expansão chinesa. Contudo, é importante destacarmos que ele ainda parece insuficiente para frear esse progresso, tendo em vista que os avanços econômicos de Pequim são expressivos e crescentes.

#### 4.2.2 A incidência chinesa

De acordo com Benoit (2023 apud Simonov, 2025), a China possui um domínio amplo em suas relações, no sentido de que consegue atuar de maneira simultânea em economias emergentes e em mercados consolidados. Pequim utiliza o BRI como um mecanismo para robustecer seu *soft power*. Conforme Nedopil (2023 apud Simonov, 2025), até 2023 o BRI já contemplava 151 países, consistindo no principal instrumento político e econômico da China.

Para além das questões econômicas, o BRI tem como objetivo ainda disseminar valores e protocolos de governança chineses pelo mundo. Pequim se coloca como a nova potência capaz de instigar a ordem global existente, passando a ser o núcleo do poder desse sistema que será redefinido (Benoit e Tu, 2020 apud Simonov, 2025).

Desse modo, é compreensível inferirmos que o BRI atua de forma eficaz a favor dos chineses em dois momentos. O primeiro, quando financia investimentos em infraestrutura, o que lhes garante um retorno econômico dos empréstimos concedidos e uma facilidade para o escoamento de suas importações e exportações, implicando uma redução dos custos de transporte. O segundo, quando os países beneficiários passam a ser influenciados politicamente pelos chineses como uma espécie de compensação pelos incentivos recebidos. Nesse contexto, é importante lembrarmos que, conforme já ressaltado no presente estudo, alguns países acusam a China de se utilizar do BRI para forçar os seus “devedores” a colaborarem com a sua política externa. Segundo James e Steger (2014 apud Simonov, 2025), há um processo denominado de “globalização sinocêntrica”, no qual a China se consolida como potência principal do sistema internacional, substituindo o modelo de globalização do ocidente.



A China procura progredir sem ter que recorrer a uma imposição direta. Contudo, contrariamente ao princípio ocidental, que é amparado em um comércio liberal e igualitário e apoiado em órgãos internacionais como a OMC, a globalização sinocêntrica preza pelos interesses do Estado de maneira que os objetivos geopolíticos de longo prazo chineses sejam atingidos (Simonov, 2025). Assim sendo, mais uma vez podemos encontrar traços realistas na condução da política externa chinesa.

Em razão dessa ousada pretensão chinesa, os EUA passaram a procurar medidas para mitigar as ações de Pequim, que tem no BRI sua grande fonte de força. Segundo Bittner (2017 apud Simonov, 2025), o Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), uma plataforma essencial do BRI, permeia territórios em disputa e representa um domínio sino sob uma infraestrutura que envolve vários países, sendo um motivo de grande preocupação para os estadunidenses.

O ressurgimento do QUAD, juntamente com outras iniciativas como a *Partnership for Global Infrastructure and Investment* (PGII)<sup>25</sup> ou Parceria para Infraestrutura e Investimento Global, passa, então, a ser uma das principais ameaças às aspirações chinesas e de contenção do BRI. Outros países oprimidos pelo avanço econômico da China, como a Índia, Austrália e Japão, passam a cooperar com os EUA e combinar esforços para a manutenção da estabilidade regional (Simonov, 2025). Nessa circunstância, a desestabilização do QUAD passa a fazer parte do escopo do projeto chinês.

Pequim, em decorrência das guerras tarifárias com Washington, utiliza-se de suas redes comerciais intra-BRI para mitigar impactos econômicos (Simonov, 2025). Através dessa medida ela consegue ainda manter deficitária a balança comercial de seu concorrente. Conforme dados extraídos da plataforma da OMC, comparando os anos de 2018 e 2022, os chineses reduziram as importações estadunidenses em 13,64%. Por outro lado, conforme já destacado, os EUA só conseguiram reduzir em 3,68% os produtos de origem chinesa no mesmo período.

Considerando o total de importações oriundas dos países QUAD, Pequim reduziu o volume 9,20%. Em contrapartida, os países do QUAD não obtiveram êxito

---

<sup>25</sup> Projeto para o desenvolvimento de infraestruturas liderado pelos EUA e pelo G7. Diferencia-se do BRI principalmente no que tange às fontes de financiamento. Enquanto que no PGII há o envolvimento dos setores público e privado, no BRI há uma estrutura composta exclusivamente pelo Governo chinês e suas estatais (Moses e Zhu, 2022 apud Simonov, 2025).

em reduzir a dependência das importações chinesas. Houve, inclusive, um pequeno aumento de 4,63% comparando os anos de 2018 com 2022.

Os chineses utilizam-se também da centralidade da ASEAN como instrumento para se opor ao QUAD. O bloco atua não somente para o alcance da prosperidade econômica do sudeste asiático, mas também orientado para a criação de mecanismos voltados para a segurança da região. O QUAD passou a ser visto pelos integrantes da ASEAN como um obstáculo ao protagonismo da ASEAN. Eles asseveram que o mesmo não trouxe nenhum benefício para a segurança regional (Zongyou, 2024). Nesse ponto, podemos vislumbrar um eventual embate com a “OTAN Asiática”.

Por fim, é possível concluirmos que a China pauta sua política de enfraquecimento do QUAD e principalmente dos EUA em três ações. A primeira, ampliando a rede de países componentes do BRI por meio de seu poderio econômico, utilizando-se desse instrumento para obter apoio político de seus integrantes, seja indiretamente através de um *soft power* pautado na reciprocidade, ou diretamente por meio da exigência de compromissos financeiros assumidos. A segunda, por meio de políticas comerciais voltadas para atender exclusivamente os interesses chineses, colocando em descrédito a OMC. Por último, influenciando a ASEAN para se contrapor às perspectivas vislumbradas pelo QUAD, impedindo a tentativa dessa aliança de colocar-se em uma posição central na condução dos destinos da região.

## 5 CONCLUSÃO

A disputa geopolítica entre Estados Unidos da América e China tem sido um vetor determinante para a fragmentação da ordem global. Ao longo do desenvolvimento do estudo pudemos observar que os efeitos da dinâmica dessa concorrência ultrapassam limites e impõem desafios às relações internacionais, impactando diretamente na estrutura do sistema global.

A principal consequência dessa rivalidade sino-estadunidense é a maximização do poder de alianças informais em detrimento de órgãos multilaterais formalmente constituídos. Por trás dessa nova ordem global está, na verdade, a proteção de interesses individuais de cada Estado, sendo essas alianças um mecanismo para o aumento de suas esferas de influências. Tanto EUA quanto China utilizam-se de seu poderio econômico para potencializar seu capital político e não se submeterem às limitações impostas por órgãos internacionais.

Na esfera econômica, observamos que arranjos regionais mais seletivos e afinados com interesses particulares nacionais, como o RCEP e o BRICS+, se tornaram uma alternativa à lógica universalista da OMC. EUA e China travam verdadeiras guerras tarifárias sem que a OMC possa intervir de forma efetiva em razão da inoperância de seu sistema de solução de controvérsias. Este fato representa a materialização do descrédito dos órgãos multilaterais. Outro ponto que conseguimos observar é que até aqueles formalmente constituídos passaram a ser supervisionados, como o caso da ASEAN, que é manipulado pelos chineses por meio do RCEP.

No que tange aos aspectos político e militar, o QUAD surgiu como instrumento de contenção da expansão chinesa no Indo-Pacífico, criando uma agenda para exercícios militares conjuntos, fomentando a coordenação logística, desenvolvendo cadeias de suprimento alternativas e projetos de inovação tecnológica. Essa concepção do QUAD trouxe um movimento de securitização do debate internacional, no qual temas econômicos, políticos, militares e tecnológicos passam a ser tratados sob a ótica dos interesses dos integrantes da aliança. Em que pese não ser uma coalizão formalmente constituída, é notório que se trata de um artifício estadunidense para o exercício de seu *hard power* no Indo-Pacífico.

O deslocamento progressivo do centro de gravidade das decisões internacionais das instituições multilaterais universais para as alianças regionais ou

temáticas, indica que os países, principalmente EUA e China, estão buscando cada vez mais estruturas menores e mais ágeis, de modo que não haja a necessidade de um consenso mais amplo e regras complexas. Dessa forma, haverá uma facilidade para a imposição de suas respectivas políticas externas. Essa nova ordem que se apresenta, acarreta riscos evidentes para a estabilidade da governança global, ao fragmentar normas e reduzir espaços de negociação coletiva.

Projetos como a iniciativa BRI chinesa, que envolve uma grande quantidade de países pode até criar uma falsa impressão de que existe uma estrutura voltada para o atendimento dos interesses de forma equalizada e universal. Contudo, trata-se de mais um mecanismo para favorecer uma abordagem realista, que nos parece pautar a conduta dos dois países.

Diante de um cenário em que a disputa sino-estadunidense é o elemento estruturante, a conclusão que alcançamos é que essa competição contribui significativamente para a fragmentação da ordem global, ao estimular o fortalecimento de alianças regionais como o QUAD e a adoção de políticas mais pragmáticas e restritivas, enfraquecendo o sistema multilateral. A reversão desse processo dependerá da capacidade das instituições multilaterais de se reformarem e oferecerem respostas mais rápidas e eficazes aos desafios contemporâneos. Caso contrário, a tendência é que as alianças regionais continuem a ocupar um espaço crescente, transformando o cenário internacional em um mosaico de arranjos paralelos e competitivos, com impactos profundos sobre a estabilidade e a previsibilidade da ordem global.

Por fim, acreditamos que o presente estudo respondeu a nossa questão de pesquisa, uma vez que abordou aspectos relevantes que demonstraram o impacto da questão sino-estadunidense na fragmentação da ordem global.

## REFERÊNCIAS

AP NEWS. China to challenge Biden's electric vehicle plans at the WTO. 26 mar. 2024. Disponível em: <https://apnews.com/article/china-us-wto-electric-vehicle-subsidies-5048c991624f7be5e4800490e3b1273d>. Acesso em 20 abr. 2025.

BACCHUS, James. What Happens If the United States Leaves the WTO? **CATO Policy Analysis**, n.996, junho de 2025. Disponível em: <https://www.cato.org/policy-analysis/what-happens-united-states-leaves-wto>. Acesso em: 24 jun. 2025.

BBC NEWS BRASIL. 20 anos do tsunami na Ásia: como foi o desastre que matou 227 mil pessoas. 26 dez. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cq62qq5vdpvo>. Acesso em 02 jul. 2025.

BBC NEWS BRASIL. 70 Anos da Revolução Comunista na China: como país pobre e rural se tornou potência mundial em 4 décadas. 30 set. 2019. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49877017>. Acesso em 07 mai. 2025.

BBC NEWS BRASIL. China e EUA entram em acordo sobre tarifas; entenda. 12 mai. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4gr2q4vx42o>. Acesso em 24 jun. 2025.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Século XX**. 2. ed. São Paulo: Fundamento Educacional, 2010.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. United States Continues to Block New Appellate Body Members for the World Trade Organization, Risking the Collapse of the Appellate Process. **American Journal of International Law**. Vol. 113, 4. ed. p. 822-831. out. 2029. Disponível em: [https://www.cambridge.org/core/journals/american-journal-of-international-law/article/united-states-continues-to-block-new-appellate-body-members-for-the-world-trade-organization-risking-the-collapse-of-the-appellate-process/EF3F564A66D3CDE698A9DFFF8FAEF77C?utm\\_source](https://www.cambridge.org/core/journals/american-journal-of-international-law/article/united-states-continues-to-block-new-appellate-body-members-for-the-world-trade-organization-risking-the-collapse-of-the-appellate-process/EF3F564A66D3CDE698A9DFFF8FAEF77C?utm_source). Acesso em 06 jul. 2025.

CASIMIRO, Christine. Quad Nations Join Forces in Malabar 2024 Naval Exercises. **The Defence Post**. 09 out. 2024. Disponível em: [https://thedefensepost.com/2024/10/09/quad-nations-malabar-2024/?utm\\_source](https://thedefensepost.com/2024/10/09/quad-nations-malabar-2024/?utm_source). Acesso em 24 jun. 2025.

CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. E-book. Disponível em: [https://funag.gov.br/loja/download/1152-Teoria\\_das\\_Relacoes\\_Internacionais-novo.pdf](https://funag.gov.br/loja/download/1152-Teoria_das_Relacoes_Internacionais-novo.pdf). Acesso em 06 abr. 2025.

CONDE, Leandro; MOURA, Rafael. Desafios e tendências em 10 anos de Xi Jinping. **Poder 360**. 30 nov. 2023. Disponível em

<https://www.poder360.com.br/opinia0/desafios-e-tendencias-em-10-anos-de-xi-jinpin-g/>. Acesso em 07 mai. 2025.

CORRÊA, Alessandra. Como começou rivalidade entre EUA e China, acirrada por guerra comercial de Trump: As duas maiores economias do mundo têm uma relação complexa e uma rivalidade que abrange não somente competição econômica, mas também tensões geopolíticas e diferenças ideológicas. **G1 Globo**. 01 mai. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/05/01/como-comecou-rivalidade-entre-eua-e-china-acirrada-por-guerra-comercial-de-trump.ghtml>. Acesso em 08 mai. 2025.

Curtis, Lisa et al. QUAD: The next phase. **Center for a new american security (CNAS)**, june 2025. Disponível em: <https://www.cnas.org/publications/reports/quad>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CURTIS, Lisa. The Quad's Role in Shifting to Resilient Technology Supply Chains and Energy Security. **Center for a new american security (CNAS)**. 13 dez. 2023. Disponível em: [https://www.cnas.org/publications/commentary/the-quads-role-in-shifting-to-resilient-technology-supply-chains-and-energy-security?utm\\_source](https://www.cnas.org/publications/commentary/the-quads-role-in-shifting-to-resilient-technology-supply-chains-and-energy-security?utm_source). Acesso em 23 jun. 2025.

DOORNBOS, Caitlin. Xi, Putin sign 'strategic partnership' agreement — a day after Chinese leader took swipe at Trump admin. **New York Post**. 08 mai. 2025. Disponível em: [https://nypost.com/2025/05/08/world-news/xi-putin-sign-strategic-partnership-agreement/?utm\\_source](https://nypost.com/2025/05/08/world-news/xi-putin-sign-strategic-partnership-agreement/?utm_source). Acesso em 08 mai. 2025.

DOYE, Lydia. Red Menace: China will soon be able to defeat the US in a war over Taiwan – they are preparing to invade, warns top US admiral. **The Scottish Sun**. 06 mai. 2025. Disponível em: [https://www.thescottishsun.co.uk/news/14751489/china-us-taiwan-war-invasion-warning/?utm\\_source](https://www.thescottishsun.co.uk/news/14751489/china-us-taiwan-war-invasion-warning/?utm_source). Acesso em 08 mai. 2025.

FARGE, Emma. US pauses financial contributions to WTO, trade sources say. **Reuters**. 28 mar. 2025. Disponível em: [https://www.reuters.com/world/us-suspends-financial-contributions-wto-trade-sources-say-2025-03-27/?utm\\_source](https://www.reuters.com/world/us-suspends-financial-contributions-wto-trade-sources-say-2025-03-27/?utm_source). Acesso em: 23 jun. 2025.

GALE, William G. et al. Effects of the Tax Cuts and Jobs Act: A preliminary analysis. **Brookings**. 14 jun. 2018. Disponível em: [https://www.brookings.edu/articles/effects-of-the-tax-cuts-and-jobs-act-a-preliminary-analysis/?utm\\_source](https://www.brookings.edu/articles/effects-of-the-tax-cuts-and-jobs-act-a-preliminary-analysis/?utm_source). Acesso em 24 abr. 2025.

GLOBAL FIRE POWER. 2025 Military Strength Ranking. Disponível em: <https://www.globalfirepower.com/countries-listing.php>. Acesso em 18 jul. 2025.

HUFFPOST. Tribunais dos EUA bloqueiam fim da proteção para mais de meio milhão de migrantes. 15 abr. 2025. Disponível em: [https://www.huffpost.es/global/la-justicia-eeuu-bloquea-proteccion-mas-medio-millon-migrantes.html?utm\\_source](https://www.huffpost.es/global/la-justicia-eeuu-bloquea-proteccion-mas-medio-millon-migrantes.html?utm_source). Acesso em 20 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. O que é o PIB. Disponível em: [ibge.gov.br/explica/pib.php](http://ibge.gov.br/explica/pib.php). Acesso em 12 jul. 2025.

JABBOUR, Elias. A República Popular da China e a ONU – 50 anos depois. **Brasil de Fato**. 27 out. 2021. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/27/artigo-a-republica-popular-da-china-e-a-onu-50-anos-depois/>. Acesso em 07 mai. 2025.

KOENIG, Seth. The Indian Navy welcomes naval forces from Australia, Japan, and the U.S. for exercise Malabar 2024 in Vishakhapatnam, India. **America's Navy**. 09 out. 2024. Disponível em: <https://www.navy.mil/Press-Office/News-Stories/Article/3931242/india-hosts-australia-japan-and-us-forces-in-exercise-malabar-2024/>. Acesso em 24 jun. 2025.

KOTTASOVÁ, Ivana ; RADFORD, Antoinette. Por que os EUA querem um acordo de minerais com a Ucrânia? **CNN Brasil**. 26 fev. 2025. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/por-que-os-eua-querem-um-acordo-de-minerais-com-a-ucrania/?utm\\_source](https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/por-que-os-eua-querem-um-acordo-de-minerais-com-a-ucrania/?utm_source). Acesso em 25 abr. 2025.

LUCAS, John. China intensifica vigilância e persegue seguidores de críticos do regime na internet. **Gazeta do Povo**. 24 set. 2024. Disponível em [https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/china-repressao-internet/?utm\\_source](https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/china-repressao-internet/?utm_source). Acesso em 08 mai. 2025.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e modernidade: a geopolítica brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.

MINGST, Karen A. **Princípios de Relações Internacionais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta das Nações Unidas**. São Francisco, 26 jun. 1945. Disponível em <https://www.un.org/en/about-us/un-charter/full-text>. Acesso em 18 out. 2025.

PAUTASSO, Diego; CEPIK, Marco. Indo-Pacífico: entre a estratégia estadunidense e a resposta chinesa. **Pensamiento Propio**, vol. 26, p. 45–69, 2022. Disponível em: <https://www.cries.org/wp-content/uploads/2022/02/007-Pautasso-y-Cepik-ok.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2025.

PETREQUIN, Samuel; MADHANI, Aamer. In rare rebuke of Putin, Trump urges Russia to 'STOP!' after deadly attack on Kyiv. **AP News**. 24 abr. 25. Disponível em [https://apnews.com/article/trump-putin-russia-ukraine-war-kyiv-fb61625d2dee8b1917bb3522e73c2166?utm\\_source](https://apnews.com/article/trump-putin-russia-ukraine-war-kyiv-fb61625d2dee8b1917bb3522e73c2166?utm_source). Acesso em 25 abr. 2025.

PIB. The Wilmington Declaration Joint Statement from the Leaders of Australia, India, Japan, and the United States. 22 set. 2024. Disponível em: <https://www.pib.gov.in/pressreleasepage.aspx?PRID=2057454&utm>. Acesso em 24 jun. 2025

POIDEVIN, Olivia Le. UK joins WTO trade arbitration alternative. **Reuters**. 25 jun. 2025. Disponível em: [https://www.reuters.com/world/uk/uk-joins-wto-trade-arbitration-alternative-2025-06-25/?utm\\_source](https://www.reuters.com/world/uk/uk-joins-wto-trade-arbitration-alternative-2025-06-25/?utm_source). Acesso em 04 jul. 2025.

PUBBY, Manu. Quad's \$50-billion, 5-year infra booster for Indo-Pacific. **The Economic Times News**. 25 mai. 2022. Disponível em: [https://economictimes.indiatimes.com/news/india/quads-50-billion-5-year-infra-booster-for-indo-pacific/articleshow/91776640.cms?utm\\_source](https://economictimes.indiatimes.com/news/india/quads-50-billion-5-year-infra-booster-for-indo-pacific/articleshow/91776640.cms?utm_source). Acesso em 24 jun. 2025.

SHI, Jingxia. The Quest for the Future of the WTO: From the Perspective of World Order. **Yale Journal of International Law**. 01 jun. 2024. Disponível em: [https://yjil.yale.edu/posts/2024-06-01-the-quest-for-the-future-of-the-wto-from-the-perspective-of-world-order?utm\\_source](https://yjil.yale.edu/posts/2024-06-01-the-quest-for-the-future-of-the-wto-from-the-perspective-of-world-order?utm_source). Acesso em: 23 jun. 2025.

SIMONOV, Mykyta. The Belt and Road Initiative and Partnership for Global Infrastructure and Investment: Comparison and current status. **Asia and the Global Economy (AGE Elsevier Journal)**, vol.5, junho de 2025. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667111525000015>. Acesso em: 18 jun. 2025.

TEWARI, Suranjana. A 'guerra' entre EUA e China pela supremacia em microchips. **BBC News Brasil**. 20 abr. 2025. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp8kjkzyvgo>. Acesso em 08 mai. 2025.

THE GUARDIAN. What is the Quad, and how did it come about? 24 mai. 2022. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2022/may/24/what-is-the-quad-and-how-did-it-come-about>. Acesso em 14 jun. 2025.

THE WHITE HOUSE. Fact Sheet: The 2024 NATO Summit in Washington. 10 jul. 2024. Disponível em [https://bidenwhitehouse.archives.gov/briefing-room/statements-releases/2024/07/10/fact-sheet-the-2024-nato-summit-in-washington/?utm\\_source](https://bidenwhitehouse.archives.gov/briefing-room/statements-releases/2024/07/10/fact-sheet-the-2024-nato-summit-in-washington/?utm_source) . Acesso em 20 abr. 2025.

TRACY, Abigail. The Trump Administration Is Lying About Its Family-Separation Policy. **Vanity Fair**. 18 jun. 2018. Disponível em [https://www.vanityfair.com/news/2018/06/trump-administration-family-separation-policy-border?utm\\_source](https://www.vanityfair.com/news/2018/06/trump-administration-family-separation-policy-border?utm_source). Acesso em 24 abr. 2025.

US DEPARTMENT OF TREASURY. Fact Sheet: The Impact of the American Rescue Plan after One Year. 09 mar. 2022. Disponível em [https://home.treasury.gov/news/press-releases/jy0645?utm\\_source](https://home.treasury.gov/news/press-releases/jy0645?utm_source). Acesso em 19 abr. 2025.

VIDAL, Camila Feix. Polarização política e partidária nos Estados Unidos (1936-2016). **Opinião Pública**, Campinas, vol. 27, n. 2, p. 412-450, maio-agosto, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/S5QL7PQprNjnRvSFG4kWWPJ/>. Acesso em: 19 abr. 2025.



WALDHOLZ, Rachel; PEREZ, Nate. Trump is withdrawing from the Paris Agreement (again), reversing U.S. climate policy. **NPR**. 21 jan. 2025. Disponível em [https://www.npr.org/2025/01/21/nx-s1-5266207/trump-paris-agreement-biden-climate-change?utm\\_source](https://www.npr.org/2025/01/21/nx-s1-5266207/trump-paris-agreement-biden-climate-change?utm_source). Acesso em 24 abr. 2025.

WILLIAMS, Michael. Joe Biden amplia proteção a imigrantes sem documentos em ano eleitoral. **CNN Brasil**. 18 jun. 2024. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/joe-biden-amplia-protecao-a-imigrantes-s-em-documentos-em-ano-eleitoral/?utm\\_source](https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/joe-biden-amplia-protecao-a-imigrantes-s-em-documentos-em-ano-eleitoral/?utm_source) . Acesso em 20 abr. 2025.

WORLD BANK GROUP. Indicators. Disponível em <https://data.worldbank.org/indicator>. Acesso em 10 jul. 2025.

WORLD TRADE ORGANIZATION. Understanding the WTO. Disponível em: [https://www.wto.org/english/thewto\\_e/whatis\\_e/tif\\_e/disp1\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/disp1_e.htm). Acesso em 04 jul. 2025.

XINHUANET. Work Together to Build a Community of Shared Future for Mankind. 19 jan. 2017. Disponível em [http://www.xinhuanet.com/english/2017-01/19/c\\_135994707.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2017-01/19/c_135994707.htm). Acesso em 08 mai. 2025.

ZONGYOU, Wey. The Evolution of the 'QUAD': Driving forces, impacts and prospects. **Horizons**, n.25, p. 82-99, 2024. Disponível em: <https://www.cirsd.org/en/horizons/horizons-winter-2024--issue-no-25/the-evolution-of-the-%E2%80%98quad---driving-forces-impacts-and-prospects> Acesso em: 18 jun. 2025.